

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA

LANA ISABELLA GILA

**PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE GATOS QUANTO
À IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS**

UBERLÂNDIA - MG

2020

LANA ISABELLA GILA

**PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE GATOS QUANTO À
IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS**

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Santana da Hora

UBERLÂNDIA - MG

2020

FOLHA DE APROVAÇÃO

PERCEPÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DE TUTORES DE GATOS QUANTO À IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO CONTRA DOENÇAS VIRAIS

Projeto de pesquisa aprovado na disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II pela banca
examinadora:

Uberlândia, 16 de Dezembro de 2020.

Profa. Dra. Aline Santana da Hora
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Carolina Franchi João
Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Sofia Borin Crivellenti
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Flávio e Ariane, por sempre me incentivarem nos estudos, pela confiança, pela presença e amor incondicional. Esta monografia é a prova de que, os esforços deles pela minha educação, não foram em vão e continuarão valendo a pena.

Às caninas Sofie e Luna por terem me ensinado tanto, e por terem me colocado no caminho da Medicina Veterinária; ao meu primeiro gato, Oreo, por me fazer conhecer e me tornar apaixonada pelo mundo felino e ao Mijo, que chegou recentemente, mas já vem nos ensinando muito sobre as doenças tratadas neste trabalho.

A todos os outros latidos, lambidas e ronronares que virão, gratidão.

Aos professores, todos foram muito importantes para minha construção até aqui.

À Universidade Federal de Uberlândia, por todo e tanto ensinamento. É um orgulho ser UFU!

À minha orientadora gateira, Aline da Hora, por se tornar uma grande amiga e inspiração. Obrigada pelo constante auxílio e exemplo de profissional dentro da Veterinária (principalmente dentro da Medicina Felina).

A toda minha família, a meus amigos de Araraquara e a minha melhor amiga, Beatriz Arioli.

Ao meu namorado, Gabriel Martins e amigos, Taicy, Helen, Adriel e Malu, por me acompanharem em meu progresso em Uberlândia.

A todos que contribuíram para realização deste trabalho e para minha formação pessoal e profissional

Muito obrigada!

“Um cão, eu sempre disse, é prosa;
um gato é um poema.”
(Jean Burden)

RESUMO

Segundo estimativas, existe mais de 22 milhões de gatos no Brasil e a expectativa é de que até 2022 essa população ultrapasse os 30 milhões. Com esse aumento, faz-se necessário, conscientizar tutores com informações fidedignas, que auxiliem na manutenção da saúde dessa espécie animal tão peculiar. Dentre diversos temas que podem ser abordados, o mais básico e importante a ser tratado, é a vacinação contra as doenças virais. A difusão do conhecimento acerca da vacinação traz grande benefício para a comunidade, impactando diretamente na saúde do animal por meio da redução drástica das afecções virais. Além disso, proporciona melhora na saúde humana, porque a raiva, uma doença viral de caráter zoonótico e fatal, também é prevenível por vacinas. O presente estudo tem como objetivos analisar características socioepidemiológicas dos tutores de gatos; os aspectos relacionados à criação desses animais, que podem colocá-los em situação de risco; o conhecimento da percepção dos tutores em relação à importância da vacinação de gatos; além da conscientização dos tutores de gatos, quanto à importância da vacinação adequada para prevenção das principais doenças virais. Foram selecionados 101 tutores de gatos que frequentaram o Hospital Veterinário (HV) da Faculdade de Medicina Veterinária (FAMEV) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Primeiramente, as informações relativas aos tutores e seus animais foram obtidas por meio de um questionário. Em seguida, os tutores receberam informações quanto à importância da vacinação e, conseqüentemente, a prevenção de doenças virais preveníveis por meio do uso de vacinas. Foi possível observar que, os aspectos socioeconômicos dos tutores favoreciam que estes possuíssem uma melhor percepção quanto à vacinação, à medida que 46,5% (n=47) dos tutores possuíam membros da família com o ensino superior completo; 93,1% (n=94) tinham acesso à Internet e 41,5% (n=42) dos lares eram compostos por até duas pessoas desempenhando atividades remuneradas. Contudo, uma parcela significativa da população permitia que seus gatos fossem para a rua (56,4%, n=57) e a cobertura vacinal relatada foi baixa; apenas 20,8% (n=21) dos tutores declararam que administraram tanto vacinas polivalentes quanto vacina antirrábica em seus gatos, no último ano, apesar de 49,5% (n=50) afirmarem que conheciam tanto a vacina polivalente quanto a antirrábica. A Internet (51,4%; n=52) e o médico veterinário (43,5%, n=44) foram os principais meios de informações utilizados para

conhecimento sobre cuidados com os gatos. Os tutores responderam positivamente após as ações educacionais em saúde, visto que (94%; n=91) afirmaram que tinham intenção em adequar a vacinação de seus gatos. Concluiu-se que, a maioria dos tutores apesar de declararem ter conhecimento em relação à vacinação, a mesma não foi realizada de forma adequada em seus gatos, seja com relação à periodicidade vacinal, ao tipo vacinal ou ao local de aquisição da vacina. Porém, a conscientização sobre a importância da vacinação realizada no estudo, permitiu perceber que os tutores são complacentes quando a educação em saúde é realizada corretamente.

Palavras-chave: Vacinação; Gatos; Doenças virais; Educação em saúde.

ABSTRACT

According to estimates data, there are already more than 22 million cats in Brazil and an expectation is over 30 million by 2022. Therefore, it is necessary to assist or instructor the owners with useful information that help maintain the health of this animal. Other issue that can be treated, the most basic and important to be treated, is the vaccination against viral diseases. Spreading knowledge about vaccination against viral diseases will be of great benefit to the community, directly affecting the health of the animal through the drastic reduction of viral diseases. In addition, it improves human health, because rabies, a fatal zoonotic viral disease, is preventable by vaccine. The present study aims to analyze socioepidemiological characteristics of cat owners; aspects related to the management of these animals, which can put them at risk; knowledge of the owners perception of the importance of cat vaccination; in addition to raising awareness among cat owners about the importance of adequate vaccination to prevent major viral diseases. A total of 101 cat owners who attended the Veterinary Hospital (HV) of the Faculty of Veterinary Medicine (FAMEV) of the Federal University of Uberlândia (UFU) was selected. First, the information related to the owners and their animals was obtained through a questionnaire. Then, owners received information about the importance of vaccination and, consequently, the prevention of preventable viral diseases through the use of vaccines. With this study was observed that 46.5% (n = 47) of owners have undergraduate degree education; 51.4% (n = 52) affirmed that the Internet is the greatest means of information on how to care for the cat (s); 47.5% (n = 48) of cat owners vaccinate their animals only against rabies and 20.8% (n = 21) of vaccinate their cats with multiantigen vaccines and rabies vaccine. It was possible to observe that the socioeconomic aspects of the owners favored them having a better perception of vaccination, as 46.5% (n = 47) of the owners had family members with undergraduate degree; 93.1% (n = 94) had access to the Internet and 41.5% (n = 42) of households were composed of up to two people employed. However, a significant portion of the population allowed their cats to go outside (56.4%, n = 57) and reported vaccination coverage was low; only 20,8% (n = 21) of the owners reported their cats were vaccinated, in the last year, with multiantigen vaccines and rabies vaccine,. Despite 49.5% (n = 50) stated that they knew about the multiantigen and/or rabies vaccine. The Internet (51.4%; n = 52) and the veterinarian (43.5%; n = 44)

were the main means of information used for knowledge about cat care. The owners responded positively after the educational health actions, since (94%, n = 91) stated that they had the intention to adapt the vaccination of their cats. It was concluded that most owners, despite declaring to have knowledge about vaccination, it was not performed properly in their cats, either with respect to the vaccination periodicity, the type of vaccine or the place where the vaccine was acquired/administrated. However, awareness of the importance of vaccination carried out in the study allowed us to realize that owners are complacent when health education is carried out correctly.

Keywords: Vaccination; Cats; Viral disease; Health education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 Vacinas essenciais em gatos	15
2.1.1 Panleucopenia Felina	15
2.1.2 Complexo respiratório felino	16
2.1.3 Raiva	18
2.1.4 Protocolo para vacinas essenciais	19
2.2 Vacinas não essenciais em gatos	20
2.2.1 Leucemia viral felina.....	21
2.2.2 Protocolo para vacina não essencial	23
2.3 Educação em saúde	23
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 Local de estudo e população.....	26
3.2 Aplicação do questionário	26
3.3 Educação em saúde animal	26
3.4 Análise estatística.....	26
4 RESULTADOS	27
5 DISCUSSÃO	36
6 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES.....	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. Estratificação em número absoluto quanto às respostas dos tutores (n=98) de gatos com relação à localização de suas moradias distribuídas nos diferentes setores da cidade de Uberlândia. Fonte: a autora (2020).	27
FIGURA 2. Distribuição em número absoluto quanto ao nível de escolaridade mais alto dos membros da família (n=101). Fonte: a autora (2020).	27
FIGURA 3. Estratificação em porcentagem dos tutores (n=101) de gatos que possuem acesso à Internet. Fonte: a autora (2020).	28
FIGURA 4. Distribuição em porcentagem das residências dos tutores (n=101) de gatos quanto ao número de habitantes. Fonte: a autora (2020).	28
FIGURA 5. Estratificação em porcentagem dos moradores das residências dos tutores (n=101) de gatos quanto a estarem empregados. Fonte: a autora (2020).	29
FIGURA 6. Distribuição em número absoluto dos lares (n=101) com relação ao número de gatos. Fonte: a autora (2020).	29
FIGURA 7. Estratificação em porcentagem dos tutores (n=101) que permitem ou não que seus gatos tenham acesso à rua. Fonte: a autora (2020).	30
FIGURA 8. Estratificação em porcentagem das respostas dos tutores (n=101) quanto a castração dos gatos. Fonte: a autora (2020).	30
FIGURA 9. Distribuição das respostas dos tutores (n=101) quanto à vacinação dos gatos no último ano (2018-2019). Fonte: a autora (2020).	31
TABELA 1. Distribuição das características socioepidemiológicas dos tutores relacionadas com histórico de vacinação e/ou criação dos gatos. Fonte: a autora (2020).	31
FIGURA 10. Distribuição dos locais em que os tutores (n=75) levaram os gatos para vacinar. Fonte: a autora (2020).	32
FIGURA 11. Distribuição da quantidade de vezes que os tutores (n=101) levaram seu(s) animal(is) às consultas com o veterinário no último ano. Fonte: a autora (2020).	32
FIGURA 12. Motivos para os tutores de gatos (n=30) declararam por não terem levado o animal ao veterinário no último ano. Fonte: a autora (2020).	33
FIGURA 13. Estratificação em porcentagem das vezes que os tutores (n=71) receberam informações sobre vacinação do veterinário, no último ano. Fonte: a autora (2020).	34

FIGURA 14. Estratificação em porcentagem do conhecimento dos tutores (n=101) de gatos sobre as vacinas que devem ser administradas nos gatos.

Fonte: a autora (2020).

35

FIGURA 15. Distribuição das respostas dos tutores de gatos (n=101) acerca da(s) fonte(s) de informação sobre cuidados com os gatos. **Fonte:** a autora (2020).

35

FIGURA 16. Distribuição dos tutores (n=101) quanto à pretensão ou não de vacinar seus gatos, após as explicações fornecidas com este estudo quanto à importância da vacinação dos gatos. **Fonte:** a autora (2020).

36

1 INTRODUÇÃO

Dentre os animais denominados de “animais de estimação”, cães e gatos são a preferência de grande parte dos indivíduos, tendo, no Brasil, uma população estimada de 52,2 milhões de cães e 22,1 milhões de gatos (IBGE, 2013). Mas, atualmente, o gato está se tornando o animal de estimação mais popular. Em levantamentos conduzidos nos Estados Unidos, entre os anos 2017 e 2018, registraram-se aproximadamente 94,2 milhões de gatos e 89,7 milhões de cães de estimação, ou seja, o gato superou em número, o seu parceiro de vida doméstica (ANIMAL SHELTERING, 2018). No Brasil, a expectativa é que os gatos ultrapassem uma população de 30 milhões até 2022 (EXAME, 2019).

Com o crescente aumento dessa espécie, principalmente dentro dos lares brasileiros, faz-se necessário conscientizar os tutores sobre práticas de guarda responsável, baseadas em cuidados adequados de vacinação, vermifugação, alimentação, castração e ações de higiene, além de segurança e conforto (SANTANA, 2006). Dentre os pilares da guarda responsável está a vacinação, que, ao ser realizada contra as principais doenças virais, abrange tanto a saúde animal, quanto a saúde humana, visto que a vacinação contra a raiva previne uma doença de caráter zoonótico.

Em um estudo realizado em Patos de Minas - MG, os tutores de cães e gatos foram questionados acerca do entendimento de guarda responsável, e apenas 55,66% (n=167/300) assinalaram a opção “cuidados veterinários (vacinas, vermífugos, tratamentos, dentre outros)”, como inclusa no item referente a “bem-estar animal” (RODRIGUES et al., 2017). Em outro estudo, realizado em Fernandópolis - SP, os tutores foram questionados sobre a transmissão de doenças por cães e gatos, e todos (n=100) afirmaram que os mesmos transmitem doenças para os seres humanos, porém quando indagados sobre o que é zoonose, 74% (n=74/100) não sabiam do que se tratava e 80% (n=80/100) disseram nunca ter recebido esclarecimentos sobre tal assunto (OLIVEIRA-NETO et al., 2018).

Com isso, faz-se extremamente necessária a conscientização dos tutores acerca das principais doenças virais que podem ser preveníveis pelas vacinas essenciais, por exemplo, contra a panleucopenia felina, uma enfermidade que afeta principalmente filhotes, ou pela vacina contra a raiva, uma enfermidade zoonótica,

que é considerada essencial em locais onde a doença é endêmica, como no Brasil (DAY et al., 2020). Além disso, o guia de vacinação da American Association of Feline Practitioners (AAFP), cita um conjunto de ações para maximizar a prevenção da leucemia viral felina, dentre elas, a educação do tutor. Apesar de ser classificada como opcional, a vacina que protege contra a leucemia viral felina deve ser indicada para os tutores, porque a prevalência da doença ainda é alta na população de gatos, principalmente por falta de conhecimento (LITTLE et al., 2020).

Desta maneira, este estudo tem como objetivos, avaliar as características socioepidemiológicas dos tutores de gatos, os aspectos relacionados à criação desses animais que os colocam em situação de risco de contrair doenças virais e a percepção dos tutores de gatos quanto à importância da vacinação de seus animais. Adicionalmente, foi realizada a conscientização dos tutores de gatos, quanto à prevenção das principais doenças virais por meio da vacinação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Vacinas essenciais em gatos

As vacinas essenciais são aquelas que os gatos em todo o mundo devem receber, nos intervalos recomendados, para terem proteção por toda a vida contra doenças infecciosas de significância mundial (DAY et al., 2016). Para os gatos, essa classificação engloba vacinas que protegem contra o vírus da panleucopenia felina (FPLV, do inglês *Feline Panleukopenia Virus*), o herpesvírus felino tipo 1 (FHV-1, do inglês *Feline Herpesvirus-1*) e o calicivírus felino (FCV, do inglês *Feline Calicivirus*) (SCHERK et al., 2013, DAY et al., 2016). A vacina antirrábica é considerada essencial no Brasil (DAY et al., 2020).

2.1.1 Panleucopenia Felina

A panleucopenia felina é uma doença causada pelo FPLV (GARCIA et al., 2011; BATTILANI et al., 2013). O vírus pertence à família *Parvoviridae*, não possui envelope, é um vírus pequeno composto por uma fita simples de DNA e envolto por um capsídeo (GREENE & ADDIE, 2012). A infecção ocorre principalmente via fecal-oral, sendo que, o FPLV pode ser carregado por fômites, como roupas e sapatos, evidenciando que, mesmo os gatos sem acesso à rua, também possam se infectar. Isso ocorre, porque esse vírus é extremamente resistente ao ambiente e aos desinfetantes. A transmissão intrauterina também pode ocorrer (TRUYEN et al., 2009).

A panleucopenia felina acomete principalmente animais jovens, de até 1 ano de idade, podendo ocasionar 100% de mortalidade (GREENE & ADDIE, 2012). Os sinais clínicos e laboratoriais incluem diarreia, linfopenia, neutropenia seguido de trombocitopenia, anemia, imunossupressão, ataxia cerebelar (em filhotes) e aborto (TRUYEN et al., 2009). Em um trabalho retrospectivo, realizado no Reino Unido, com felinos de até 16 semanas de idade, a panleucopenia felina foi a principal doença observada; responsável por 25% das mortes (CAVE et al., 2002). Não há tratamento específico, mas a terapia de suporte diminuiu significativamente as taxas de mortalidade (TRUYEN et al., 2009).

O FPLV ainda é um vírus que circula entre a população felina, porém poucos dados sobre sua frequência estão disponíveis (DAY et al., 2020). Após 30 anos sem relatos de surtos, a panleucopenia felina ressurgiu na Austrália em 2014, principalmente entre gatos de abrigos. Desde então, surtos em grande escala ocorrem em vários abrigos do país (BARRS et al., 2017). No Egito, 165 gatos com sinais sugestivos da doença (letargia, febre, anorexia, leucopenia, desidratação), foram avaliados e 45,4% (n=75/165) das amostras coletadas, foram positivas, concluindo que apesar da vacina existir, ainda há uma alta frequência da população com a presença do vírus (AWAD et al., 2018).

No Brasil, um estudo realizado entre 2005 e 2006 em Pelotas - RS, investigou a ocorrência de alguns agentes virais em 97 gatos domésticos, mediante a detecção de anticorpos. Entre os animais estudados, 51 não eram vacinados, 11 haviam sido vacinados contra FHV-1, FCV e FPLV com pelo menos uma dose, e 35 tinham histórico de vacinação desconhecido. Para o FPLV, havia anticorpos em 69,1% (n=67/97) do total dos gatos, 100% (n=11) dos vacinados, 66,6% (n=34/51) dos não vacinados e 62,8% (n=22/35) dos gatos com histórico de vacinação desconhecido. Os resultados sugeriram que ainda há alta exposição ao FPLV na população de gatos, mesmo com a vacina contra FPLV disponível (JOHANN et al., 2009).

2.1.2 Complexo respiratório felino

O complexo respiratório felino (CRF) é o termo utilizado para descrever um conjunto de sinais clínicos causados por FHV-1, FCV, *Bordetella bronchiseptica*, *Mycoplasma felis* e *Chlamydia felis* (LARA, 2012; LISTER & LEUTENEGGER, 2015). Contudo, os agentes virais (FHV-1 e FCV) são os patógenos primários, responsáveis por 80% dos casos de CRF (NORSWORTHY et al., 2006). Em associação ou isoladamente, ambos ocasionam quadro clínico em sistema respiratório superior e oftálmico, que cursa com espirros, secreção nasal e ocular, dispneia e conjuntivite (LAPPIN, 2012). O contato direto ainda é principal forma de infecção dos agentes causais do CRF. Uma vez que não existe nenhum composto antiviral com eficácia comprovada, o tratamento do CRF é de suporte, por isso, se atingir proporções graves, pode levar a morte (FORCADA, 2008; THIRY et al., 2009).

O FHV-1 pertence à família *Herpesviridae* consiste em uma molécula de DNA de fita dupla e um envelope lipoproteico (FRANCO et al., 2007). O felino se torna portador permanente do vírus, eliminando o mesmo por descargas nasais e oculares. A manifestação clínica, ocorre após serem afetados por fatores de estresse, tratamentos com corticoides e por falhas no sistema imunológico (THIRY et al., 2009). O vírus normalmente limita-se ao acometimento do aparelho respiratório superior e ocular, porém, quanto mais debilitado o gato estiver, maiores são as chances de ocorrerem infecções mais severas como pneumonia por invasão do vírus no pulmão (SILVA et al., 2014).

Já o FCV, pertence à família *Caliciviridae*, é constituído de uma fita de RNA simples e não é envelopado (COYNE et al., 2006). A infecção por FCV ocorre por via nasal, oral ou conjuntival. O vírus replica-se essencialmente nos tecidos da cavidade oral e das vias respiratórias (RADFORD et al., 2007). Os sinais clínicos são variados podendo o animal apresentar úlceras orais, alterações respiratórias superiores e febre. Em casos de estomatite ou gengivite crônica, é possível realizar o isolamento do calicivírus felino de praticamente todos os animais através de swabs nasais e orais (RADFORD et al., 2009).

A infecção pelos agentes do CRF está amplamente distribuída na população mundial de felinos. No Irã, amostras de 80 gatos foram avaliadas, FHV-1 foi detectado em 28,8% (n=23/80), FCV em 2,5% (n=2/80), *C. felis* em 20% (n=16/80) dos gatos e 15% (n=12/80) tiveram coinfeção com dois ou os três agentes (MAAZI et al., 2016). Na Austrália, um total de 3.126 amostras foram enviadas para teste e 1.533 foram positivos. Os agentes detectados foram *M. felis* (21,5%; n=330/3.126), FCV (16,0%; n=245/3.126) e FHV-1 (7,0%; n=107/3.126) como agentes isolados e um total de 13,4% (n=205) das amostras apresentou FCV e *M. felis* em associação, apenas 3,3% (n=104/3.126) dos animais tinham histórico de vacinação conhecido (NGUYEN et al., 2019). Nos Estados Unidos, 190 gatos foram avaliados (71 gatos com doença respiratória e 119 sem doença), FHV-1 foi detectado em 49% (n=93/190), FCV em 19,5% (n=37/190), *C. felis* em 3,2% (n=6/190), *Bordetella* spp. em 23,7% (n=45/190) e *M. felis* 40% (n=76) (URI, 2014).

No Brasil, um estudo realizou a detecção molecular dos agentes do CRF, em gatos de abrigos do Rio de Janeiro. Foram estudados 108 gatos (40 assintomáticos e 68 sintomáticos), com dois meses a um ano de idade e não vacinados. FHV-1 foi o patógeno mais frequentemente observado (57,4%; n=62/108), seguido por FCV

(37%; n=40/108), *C. felis* (24,1%; n=26/108) e *M. felis* (10,2%; n=11/108). Coinfecções foram detectadas em 36,1% (n=38/108) dos animais (BAUMWORCEL et al., 2017).

Em um estudo conduzido no Rio Grande do Sul, foram analisadas amostras de 302 gatos de diversas cidades do estado. Apenas 55 (18,2%) dos animais foram positivos para um ou mais agentes. FCV foi o patógeno mais presente, observado em 52,7% (n=29/55) dos animais, seguido por FHV-1 em 38,2% (n=21/55). Apenas 9,1% (n=5/55) dos gatos foram positivos para mais de um agente causal do CRF (HENZEL et al., 2012). O CRF é relatado em vários outros estados brasileiros, mas pouco se conhece sobre sua frequência no país (LARA, 2012).

A vacina contra o FHV-1 não é capaz de proteger contra a infecção, permitindo o estado de latência viral, com a possibilidade de reativação durante períodos de estresse severo (RICHTER et al., 2009; MAES, 2012). As vacinas contra o FCV foram produzidas para gerar imunidade cruzada protetora contra múltiplas cepas de FCV, mas ainda é possível ocorrer infecção e doença em animais adultos vacinados (PEDERSEN et al., 2000; SCHORR-EVANS et al., 2003). A reativação viral é capaz de causar sinais clínicos e disseminação viral nos animais, incluindo aqueles vacinados, porém nesses as manifestações clínicas são mais brandas e a disseminação viral é menos intensa (DAY et al., 2016).

2.1.3 Raiva

A raiva é uma doença infecciosa, de etiologia viral e caráter zoonótico, que causa encefalite aguda em mamíferos, com uma letalidade de, aproximadamente, 100%. Ainda é considerada um grave problema de saúde pública (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). O agente etiológico é um vírus RNA, envelopado, neurotrópico, pertencente à família *Rhabdoviridae* e gênero *Lyssavirus* (FAUQUET et al., 2005). Os sinais clínicos mais comuns nos gatos incluem, agressividade, como morder pessoas e outros animais sem motivo, febre alta, salivação intensa, paresia de membros pélvicos, midríase não responsiva a luz e dificuldade de ingerir água (FRYMUS et al., 2009). Os gatos frequentemente morrem após um curso clínico de 3-4 dias (RUPPRECHT & CHILDS, 1996).

Devido ao elevado número de casos de raiva humana transmitido principalmente por cães nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil, municípios e

estados desenvolveram atividades e regulamentações direcionadas ao controle de zoonoses; em particular, da raiva (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Porém, de 2005 a 2015, a raiva em gatos foi relatada em vários países da América Latina, entre eles, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, República Dominicana, El Salvador, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru e Venezuela (VELASCO-VILLA et al., 2017), tornando o gato um elo importante da cadeia epidemiológica da raiva atualmente, visto que é uma espécie envolvida nos casos mais recentes de raiva humana (GENARO, 2010).

A população de gatos gera uma preocupação especial com relação à reintrodução da raiva. Dadas as características dos felinos de: (um) apresentar comportamento caçador, (dois) possuírem, em grande parte, acesso à rua, (três) entrarem facilmente em contato com morcegos, principalmente quando se encontram caídos no chão, situação que pode estar relacionada com a infecção pelo vírus rábico nesses animais (DIAS et al., 2013).

Em 2015, os dois casos de raiva humana no Brasil, ocorreram na Paraíba, e foram transmitidos por gatos que estavam infectados com a variante de morcego. Em 2016 e 2017, outros dois novos casos ocorreram em Roraima e Pernambuco, respectivamente, após agressões por gatos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Em 2019, Santa Catarina confirmou um caso de morte por raiva humana, o primeiro desde 1981, também envolvendo agressão por gato (SECRETÁRIA DE ESTADO DA SAÚDE - SC, 2019).

A tendência é de que os gatos superem a população de cães, havendo, então, uma nova realidade a ser enfrentada e novas perspectivas a serem adotadas, principalmente ligadas ao hábito dos felinos em caçar morcegos e em relação às campanhas de vacinação antirrábica, que são basicamente voltadas para os cães (GENARO, 2010). Frequentemente as campanhas municipais de vacinação antirrábica são realizadas em locais públicos, na maioria das vezes a céu aberto, com a presença de muitos cães e sem pessoal capacitado com técnicas *cat friendly*, para a contenção felina.

2.1.4 Protocolo para vacinas essenciais

O protocolo vacinal inicia com a primeira dose entre às sextas e oitavas semanas de idade e, então, novas doses devem ser administradas a cada

duas/quatro semanas até o gato atingir a idade de 16 semanas ou mais. Quando o gato completar 12 meses de idade, a última dose do protocolo vacinal do filhote deve ser administrada (STONE et al, 2020). O principal objetivo dessa última dose do protocolo para filhotes é de assegurar o desenvolvimento de uma resposta imune protetora, em qualquer gato que possa não ter montado resposta imune adequada frente a série essencial primária (DIGANGI et al., 2012).

Já para gatos adultos, considerados de "baixo risco" (aqueles que não frequentam ambientes externos e não possuem contato com animais de status vacinal desconhecido), as vacinas essenciais devem ser administradas em intervalos de três anos ou mais (STONE et al., 2020). Para gatos classificados de "risco alto", ou seja, animais de abrigo ou que tenham acesso à rua, o veterinário pode considerar a administração da vacina contra o FPLV não mais frequentemente do que a cada 3 anos, mas administrando as vacinas contra o FCV e o FHV-1 anualmente (DAY et al., 2016). Porém, em alguns países, como no Brasil, estão disponíveis apenas produtos multicomponentes contendo, por exemplo, combinações essenciais e não essenciais, o que torna difícil realizar as combinações exatas da vacinação (DAY et al., 2020), assim a vacinação em animais de alto risco deve ser anual.

Com relação ao protocolo vacinal contra a raiva, a primeira vacinação deve ser feita a partir de 12 semanas de idade (DAY et al., 2020). A revacinação deve ser feita anualmente no Brasil, conforme estabelecido pelo Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR) criado em 1973 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

2.2 Vacinas não essenciais em gatos

O Grupo de Diretrizes de vacinação World Small Animal Veterinary Association (WSAVA) definiu as vacinas não essenciais como aquelas que são necessárias somente para os animais cuja localização geográfica, ambiente ou estilo de vida os coloca em risco de contrair infecções específicas. A vacinação contra FeLV é considerada uma vacina não essencial, devendo ser indicada pelo estilo de vida e risco de exposição observados nos gatos e a prevalência de infecção no ambiente local (DAY et al., 2016).

2.2.1 Leucemia viral felina

A leucemia viral felina é uma doença infecciosa causada por FeLV (do inglês *Feline Leukemia Virus*), um vírus que pertence à família *Retroviridae*. Esse vírus consiste de duas cópias de RNA fita simples e um envelope lipoproteico (MACLACHLAN & DUBOVI, 2010). A principal fonte de infecção desse vírus é o felino persistentemente infectado. A infecção acontece por meio da exposição oronasal ao FeLV, presente principalmente na saliva em decorrência do contato direto entre os animais, do uso em conjunto de vasilhas de alimento e por meio de mordeduras (WILLETT & HOSIE, 2013). O acesso aos ambientes externos e o contato prolongado com outros animais infectados estão entre os principais fatores predisponentes à transmissão viral (VOBIS et al., 2005).

Comumente os felinos FeLV positivos podem apresentar sinais clínicos inespecíficos, como perda de peso, desidratação e linfadenomegalia ou até mesmo serem assintomáticos (ALMEIDA et al., 2016). As alterações clínicas encontradas em felinos com infecção persistente variam, de acordo com a forma de apresentação da doença que pode ser anemia, neoplasias como linfoma e leucemia, imunossupressão facilitando a infecção por agentes oportunistas, distúrbios reprodutivos e neuropatias (REINACHER, 1989).

Os gatos com maior risco de infecção são filhotes, que vivem em ambientes com alta densidade populacional e condições precárias de higiene (SHERDING, 2008). Um gato infectado pode viver, em média, três anos, desde que seja fornecido um suporte adequado ao mesmo (GLEICH et al., 2009). Para isso, deve-se ter conhecimento da situação do animal: se é positivo ou não para FeLV. Portanto, o diagnóstico correto é um dos fatores cruciais nessa doença, principalmente tratando-se dos animais negativos, com maior risco à infecção e que não foram vacinados (LEVY et al., 2008).

O vírus está disseminado em vários países, com sua ocorrência variando de acordo com a localização geográfica (COELHO et al., 2011). Na Alemanha, foram testados, 17.462 gatos, resultando em 3,6% ($n=628/17.462$) com antigenemia no teste sorológico para FeLV (GLEICH et al., 2009). Na Espanha, foram analisadas 180 amostras de sangue de felinos clinicamente saudáveis para a presença da infecção por FeLV, 15,6% ($n=28/180$) foram positivas (ARJONA, et al., 2000). Nos

Estados Unidos, 1.143 gatos foram avaliados e 5,3% (n=60/1.143) estavam infectados por FeLV (LEE et al., 2002). Já no México, 227 gatos foram testados e geraram uma frequência de 7,5% (n=17/227) (ORTEGA-PACHECO et al., 2014).

No Brasil, o estudo de maior amplitude geográfica utilizou amostras de sangue colhidas por clínicos veterinários dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Ceará, foram analisadas amostras de esfregaços sanguíneos por imunofluorescência para detecção do antígeno. O resultado foi uma frequência variável de 0 a 34,9% de animais positivos (HAGIWARA et al., 2007).

Em Belo horizonte, 1.072 amostras foram colhidas aleatoriamente entre março de 2002 e janeiro de 2008, em diversas clínicas veterinárias e em Hospital Veterinário Escola. O DNA proviral do FeLV foi detectado em 47,5% animais (n=507/1.072) (COELHO et al., 2011). Em 2019, um estudo realizado em Santa Catarina, avaliou a positividade para FeLV em 37 gatos com leucemia, diagnosticada entre 2009 e 2017. No exame de necropsia e procura de anticorpos anti-FeLV gp70, 78,4% (n=29/37) dos gatos foram positivos para FeLV e indicou uma alta associação entre infecção por FeLV e desenvolvimento de tumor na região de estudo (CRISTO et al., 2019).

Na cidade de Uberlândia, foram coletadas amostras de 135 gatos, sendo que 70 foram colhidas aleatoriamente no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia e as outras 65 no Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) da mesma cidade. Considerando a origem dos animais, os resultados demonstraram que 20% (n=13/65) das amostras do CCZ obtiveram resultados positivos, contra 5,71% (n=4/70) das colhidas no HV-UFU, comprovando-se que, os gatos com acesso à rua têm quase três vezes mais probabilidade de adquirir o vírus, do que gatos que, possivelmente, são criados dentro de casa (BARBOSA et al., 2002).

As diferenças de ocorrências podem estar relacionadas com as circunstâncias socioculturais dos tutores, que determinam o estilo de vida do animal, principalmente relacionado ao acesso ou não à rua, além de sua origem (ARJONA, et al., 2000). Ao se comparar com países como Alemanha (GLEICH et al., 2009) e Estados Unidos (LEE et al., 2002), observa-se que a população felina brasileira possui uma ocorrência bastante elevada de FeLV (HAGIWARA et al., 2007; COELHO et al., 2011) e isto está relacionado com a carência dos métodos preventivos.

Assim, apesar da prevenção por FeLV já ser conhecida, principalmente através da vacina e do não acesso à rua, a frequência da doença ainda é alta na população, principalmente por falta de conhecimento (LITTLE et al., 2020). Sendo a educação dos tutores parte essencial nos cuidados da saúde da espécie felina (STONE et al., 2020).

2.2.2 Protocolo para vacina não essencial

Todos os gatos de que se desconheça o seu status para a infecção pelo FeLV deverão ser testados antes da vacinação (DAY et al., 2016). O diagnóstico de infecção por FeLV é geralmente baseado na detecção de antígeno FeLV p27, usando testes rápidos (ELISA ou imunocromatografia). Esses testes podem ser realizados em soro, plasma ou sangue total (LITTLE et al., 2020). A antigenemia estará presente, na maioria dos gatos, dentro de uma a seis semanas de exposição ao vírus, dependendo do teste diagnóstico a ser utilizado (HOFMAN-LEHMANN & HARTMAN, 2020).

Os filhotes deverão ser vacinados entre a oitava e nona semanas de idade, com uma segunda dose na 12^a semana. Após, é necessário ainda mais um reforço anual. Gatos, em situações de baixo risco, deverão receber reforços a cada três anos e gatos de alto risco, deverão ser vacinados todos os anos (LUTZ et al., 2009, DAY et al., 2020). Apesar da vacina contra FeLV estar classificada como não essencial nas diretrizes vacinais preconizadas pelo WSAVA, as diretrizes de vacinação para gatos da AAFP evidenciam que essa vacina deve ser classificada como essencial para animais com até um ano de idade (DAY et al., 2016; LITTLE et al., 2020), essa classificação é a mais adequada para o Brasil, visto que a frequência de animais positivos para esse vírus é alta (DAY et al., 2020).

2.3 Educação em saúde

A educação em saúde pode ser definida como um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006). As ações de educação em saúde encontram-se vinculadas ao exercício da cidadania na busca por melhores condições de vida e de saúde da população, principalmente quando perpassam todas as fases do atendimento, promovendo espaços de troca de informação,

permitindo identificar as demandas de saúde dos usuários e as escolhas mais adequadas e diminuindo a distância habitual entre profissionais de saúde e população (SANTOS et al., 2011).

Um dos projetos, mais conhecidos sobre educação em saúde, trata-se da prevenção em saúde bucal na pré-escola. Em um estudo, realizado em Bauru - São Paulo, visitas mensais foram realizadas a uma escola, onde foram ministradas palestras sobre assuntos pertinentes à saúde bucal. Na primeira visita, aplicou-se um questionário em 44 alunos sobre os conceitos em saúde bucal, obteve-se como nível de conhecimento: RUIM: 9,1%; REGULAR: 79,5%; BOM: 11,4%. Ao final do projeto, outro questionário foi aplicado e obteve-se uma melhora estatisticamente significativa: RUIM: 0%; REGULAR: 47,7%; BOM: 52,3% (AQUILANTE et al., 2003).

Outro trabalho teve como objetivo promover ação educacional em saúde, para prevenção e controle da dengue, em uma comunidade da periferia da região metropolitana de Aracaju. Inicialmente, foi aplicado um questionário aos pais dos alunos, na sequência foram realizadas diferentes estratégias pedagógicas aos alunos em sala de aula e, por fim, reaplicado o questionário aos pais. Após a intervenção, a comunidade demonstrou ter maior conhecimento em relação à dengue no que se diz respeito ao controle e prevenção, concluindo que ações educativas auxiliam na ampliação do conhecimento (SANTOS et al., 2012).

Muitos trabalhos, em educação em saúde na medicina veterinária, envolvem a saúde pública. Em um trabalho realizado em Birigui-SP, foi avaliada a variação de conhecimento sobre leishmaniose visceral de escolares de 6º e 7º anos de escolas públicas. O trabalho envolvia a realização do projeto educativo com a aplicação de um questionário antes (Etapa I) e após (Etapa II). Aulas expositivas, palestras realizadas por profissionais de saúde, concurso de história em quadrinhos e de cruzadinha sobre o tema, fizeram parte do projeto. Ao final, houve aumento estatisticamente significativo do nível de conhecimento de escolares, variando de 35,7% (Etapa I; n=253/711) para 59,7% (Etapa II; n=414/693) (GENARI et al., 2012).

Outro trabalho, realizado em Jaboticabal-SP teve o objetivo de avaliar os efeitos de um curso para a formação de multiplicadores em controle de zoonoses urbanas e guarda responsável de animais de estimação. Primeiramente, realizou-se um diagnóstico de situação para determinar os conhecimentos prévios que professores (n=17) e alunos (n=132) tinham sobre os temas que seriam abordados. Um mês após a finalização do curso, uma nova avaliação foi realizada para verificar

a assimilação das informações obtidas. Foi possível observar uma melhora na compreensão em relação a algumas zoonoses, como leptospirose, leishmaniose e toxoplasmose e ao tema “guarda responsável”, tanto dos professores, quanto dos alunos (MORAES, 2013).

O envolvimento do médico veterinário é tão importante quanto o papel do médico para a saúde humana. Preocupando-se com a saúde dos animais de companhia, bem como com os de produção, rompe-se um elo de transmissão importante dentro da cadeia epidemiológica para a ocorrência de doenças na população (LANGONI et al., 2015). Além disso, o médico veterinário deve atuar na educação em saúde, não só voltada para a saúde pública, mas também, para cuidados com os próprios animais de companhia, visto que, atualmente, fazem parte das famílias multiespécies.

3 METODOLOGIA

3.1 Local de estudo e população

Durante o período de agosto de 2019 a janeiro de 2020, um total de 101 tutores de gatos foram selecionados no Hospital Veterinário – UFU. Somente adultos que nunca participaram de projetos de conscientização em saúde animal participaram da pesquisa. Profissionais e discentes de Medicina-Veterinária foram vedados de participar do estudo. O estudo seguiu os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Foram fornecidos esclarecimentos sobre a pesquisa, e então obtida a anuência por escrito do participante em formulário próprio (Apêndice A).

3.2 Aplicação do questionário

Os tutores foram abordados no ambiente hospitalar do HV-UFU enquanto aguardavam para serem atendidos. Foi aplicado um questionário, elaborado através do GoogleFormulários[®], visando delinear as características dos tutores e seus animais, assim como aspectos relacionados ao conhecimento acerca da vacinação (Apêndice B). As pesquisadoras utilizaram dos celulares pessoais para abrir o formulário e realizar as perguntas aos tutores.

3.3 Educação em saúde animal

A transferência de informações quanto à importância da vacinação em gatos foi realizada por meio de comunicação pessoal de estudantes em Medicina-Veterinária com o auxílio visual de um panfleto educativo, elaborado também para contribuir com os tutores de cães, os quais são alvo de um estudo semelhante conduzido concomitantemente (Apêndice C).

3.4 Análise estatística

Os dados dos questionários foram tabulados em software comercial (Excel[®], Microsoft Office 365). Estatística descritiva com o uso de gráficos ou tabelas foi utilizada para apresentação dos dados obtidos.

4 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 101 tutores de gatos que frequentaram o HV-UFU, entre os meses de agosto de 2019 e janeiro de 2020. Destes, 29,7% (n=30/101) moravam na zona leste da cidade de Uberlândia (Figura 1). Uma pequena parcela dos tutores entrevistados residia em Araguari (1,9%; n=2/101) e Araporã (0,9%; n=1/101).

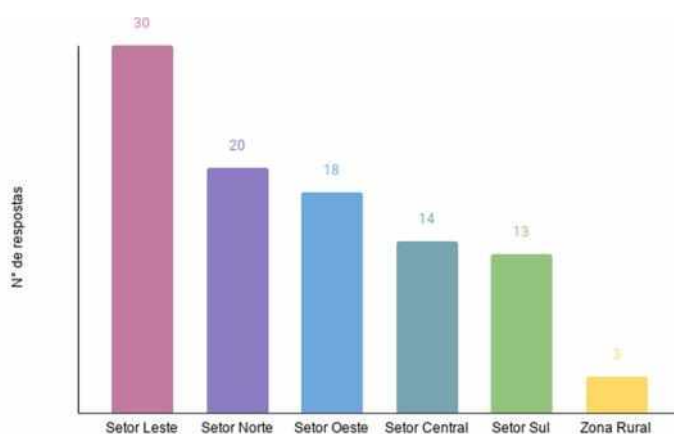


Figura 1. Estratificação em número absoluto quanto às respostas dos tutores (n=98) de gatos com relação à localização de suas moradias distribuídas nos diferentes setores da cidade de Uberlândia. **Fonte:** a autora (2020).

Com relação à escolaridade, 46,5% (n=47/101) dos tutores possuíam membros da família com ensino superior completo (Figura 2).

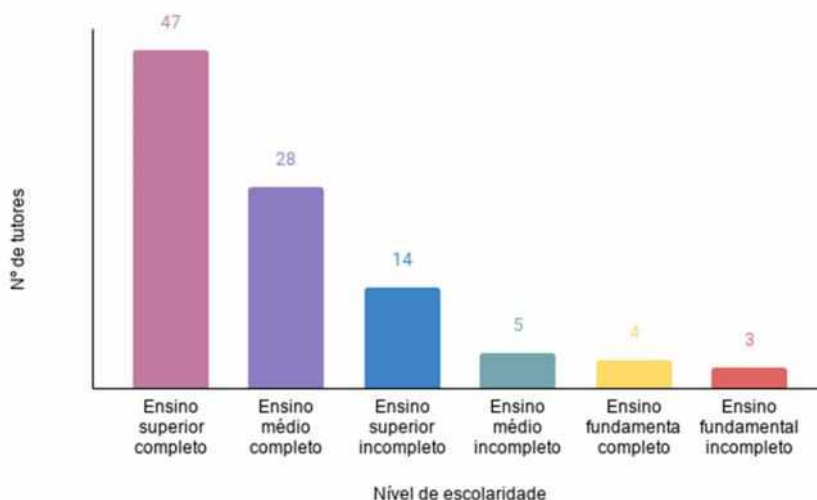


Figura 2. Distribuição em número absoluto quanto ao nível de escolaridade mais alto dos membros das famílias (n=101). **Fonte:** a autora (2020).

Apenas 6,9% (n=7/101) não possuíam acesso à informação via Internet (Figura 3).

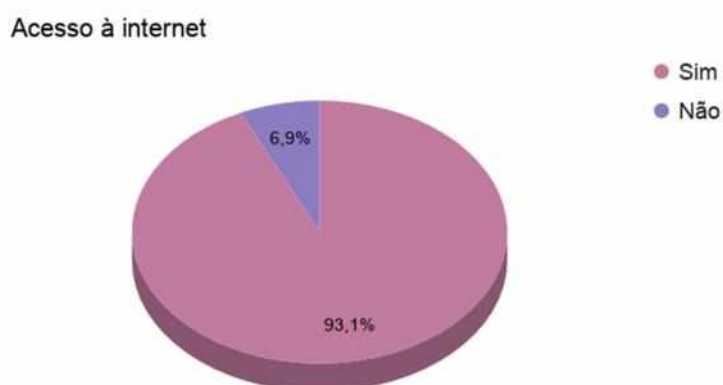


Figura 3. Estratificação em porcentagem dos tutores (n=101) de gatos que possuem acesso à Internet. **Fonte:** a autora (2020).

Quando analisado o número de pessoas residentes na moradia (Figura 4), a maior parte dos entrevistados residia em habitações com dois moradores (26,7%; n=27/101) e três moradores (22,8%; n=23/101).

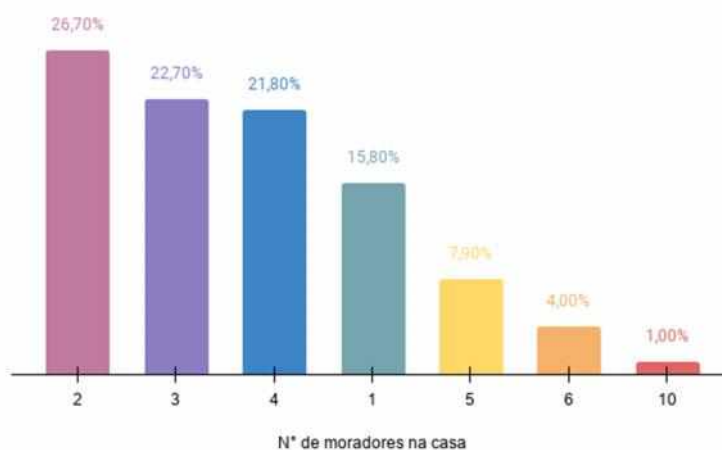


Figura 4. Distribuição em porcentagem das residências dos tutores (n=101) de gatos quanto ao número de habitantes. **Fonte:** a autora (2020).

Um total de 16,8% (n=17/101) dos tutores afirmaram que todas as pessoas residentes na casa estavam desempregadas (Figura 5).

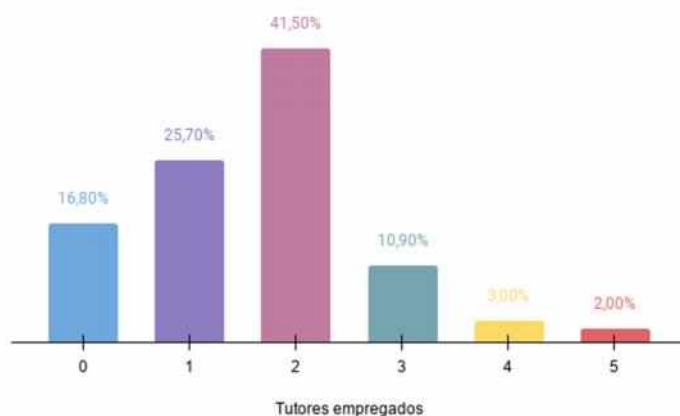


Figura 5. Estratificação em porcentagem dos moradores das residências dos tutores (n=101) de gatos quanto a estarem empregados. **Fonte:** a autora (2020).

Observou-se que a maioria dos tutores entrevistados possuía apenas um gato (34,6%; n=35/101) na residência (Figura 6). Dentre os 101 tutores entrevistados, 71% (n=72/101) também possuíam cães.

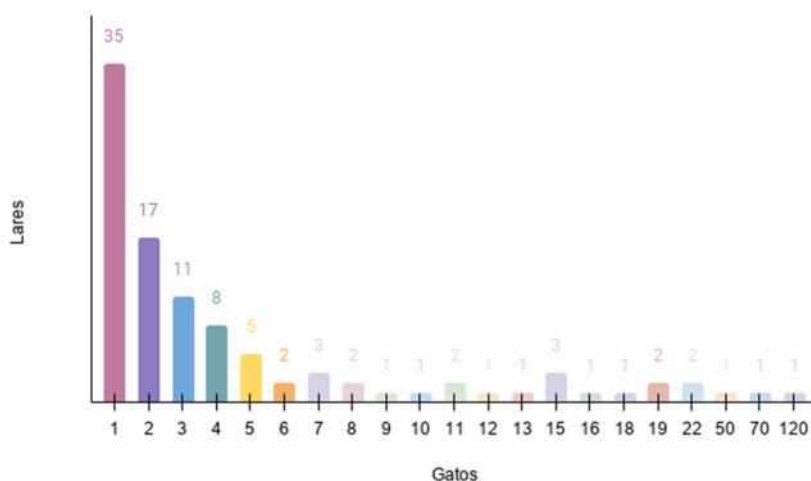


Figura 6. Distribuição em número absoluto dos lares (n=101) com relação ao número de gatos. **Fonte:** a autora (2020).

Mais da metade dos tutores (56,4%; $n=57/101$) permitia que seus gatos tivessem acesso à rua (Figura 7).

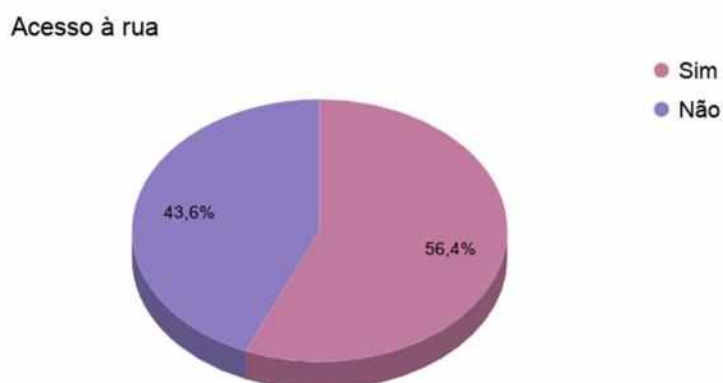


Figura 7. Estratificação em porcentagem dos tutores ($n=101$) que permitem ou não que seus gatos tenham acesso à rua. **Fonte:** a autora (2020).

Já com relação à castração, 55,4% ($n=56/101$) dos tutores afirmaram que todos os gatos da casa são castrados (Figura 8).

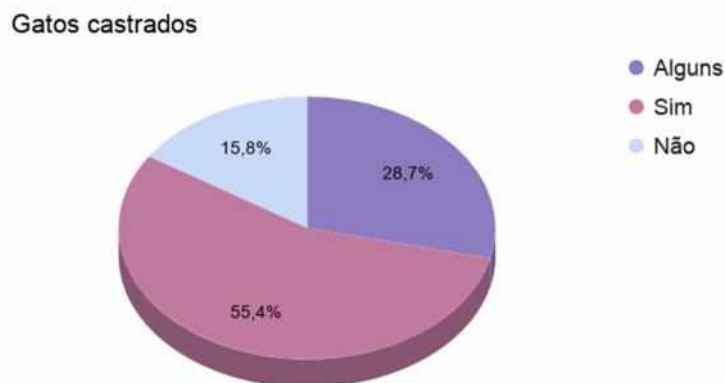


Figura 8. Estratificação em porcentagem das respostas dos tutores ($n=101$) quanto a castração dos gatos de sua residência. **Fonte:** a autora (2020).

Com relação à vacinação dos gatos no último ano (2018-2019), 25,7% (n=26/101) tutores declararam que seus gatos não eram vacinados, enquanto 47,5% (n=48/101) dos tutores afirmaram que seus animais foram vacinados apenas contra raiva (Figura 9).



Figura 9. Distribuição das respostas dos tutores (n=101) quanto à vacinação dos gatos no último ano (2018-2019). **Fonte:** a autora (2020).

Dentre os tutores que não vacinaram seus gatos (25,7%; n=26/101), 30,7% (n=8/26) disseram não ter vacinado por “questões financeiras” (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos motivos que os tutores declararam para justificar a não vacinação dos seus gatos.

Motivos de não vacinar	Número absoluto	Porcentagem (%)
Financeiramente não foi possível.	8	30,8
Não ocorreu campanha municipal antirrábica no último ano (2019).	5	19,2
Adotou recentemente.	4	15,4
Não sabia da necessidade de vacinar gatos.	2	7,7
Difícil transportar/pegar o(s) animal(is).	2	7,7
Animal está doente/prenhe.	2	7,7
Animal só tem 6 meses.	1	3,8
Vacinou em 2017.	1	3,8
Vacinas não são efetivas.	1	3,8
Total	26	100%

Fonte: a autora (2020).

Dentre os gatos vacinados (74,2%; $n=75/101$), seja com polivalente e/ou antirrábica, 13,3% ($n=10/75$) foram vacinados em casas agropecuárias (Figura 10).

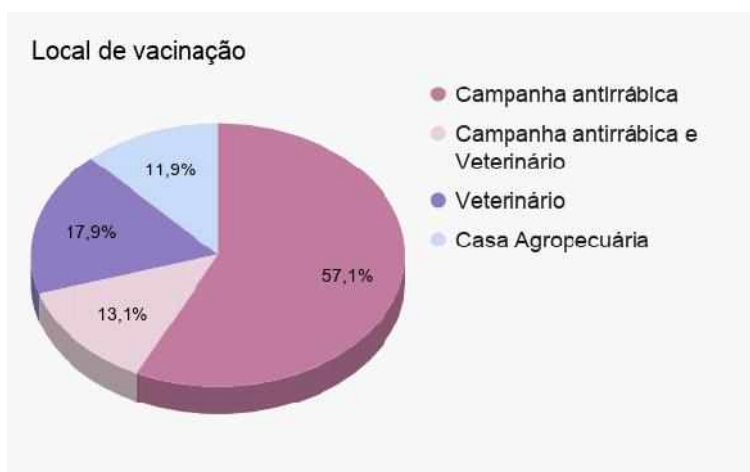


Figura 10. Distribuição dos locais em que os tutores ($n=75$) levaram os gatos para vacinar. **Fonte:** a autora (2020).

Quando indagados sobre a frequência de vezes que os tutores levaram seus animais (cão ou gato) em uma consulta veterinária, 29,7% ($n=30/101$) disseram não ter visitado o veterinário no último ano (Figura 11), destes, 73,3% ($n=22/30$) afirmaram não terem ido, pois o animal não apresentou doença (Figura 12).

Distribuição do número de visitas ao veterinário no último ano

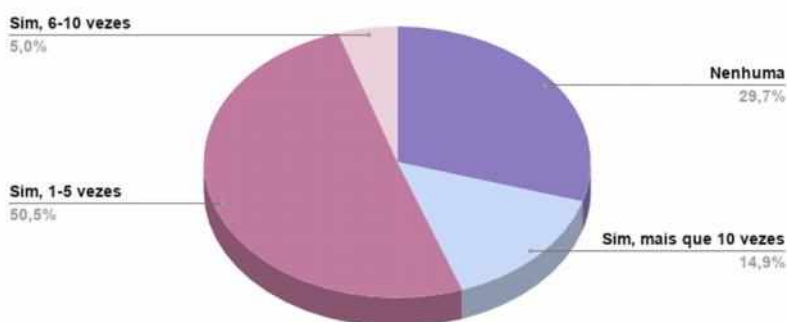


Figura 11. Distribuição da quantidade de vezes que os tutores ($n=101$) levaram seu(s) animal(is) às consultas com o veterinário no último ano. **Fonte:** a autora (2020).

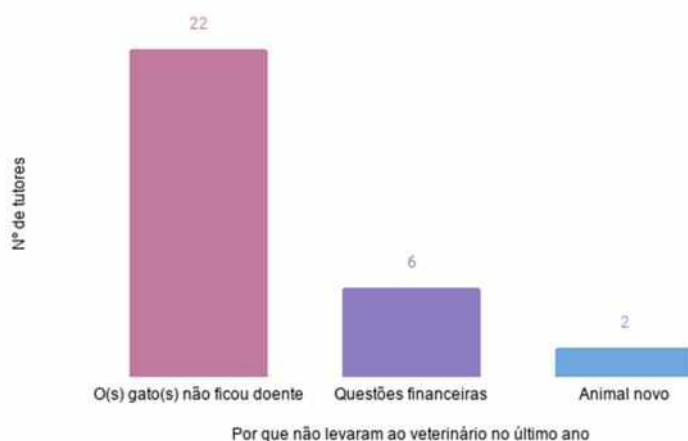


Figura 12. Motivos que os tutores de gatos (n=30) declararam por não terem levado o animal ao veterinário no último ano. **Fonte:** a autora (2020).

Entre os tutores que visitaram o veterinário no último ano (70,2%, n=71/101), 40,8% (n=29/71) afirmaram não ter recebido nenhuma informação sobre vacinação (Figura 13).



Figura 13. Estratificação em porcentagem das vezes que os tutores (n=71) receberam informações sobre vacinação do veterinário, no último ano. **Fonte:** a autora (2020).

Contudo, dentre os 101 tutores, 49,5% (n=50/101) afirmaram conhecer tanto a vacina polivalente, quanto a vacina antirrábica (Figura 14).

Conhecimento dos tutores de gatos sobre as vacinas

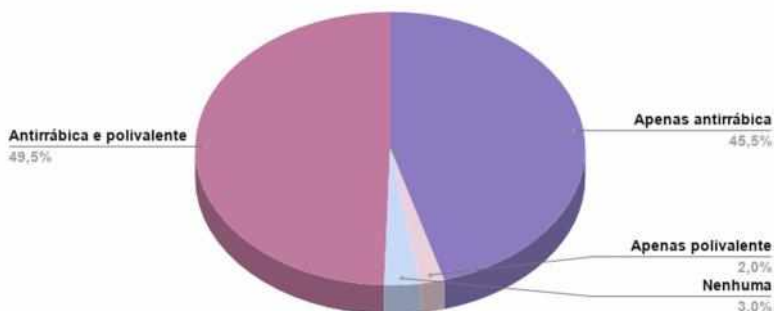


Figura 14. Estratificação em porcentagem do conhecimento dos tutores (n=101) de gatos sobre as vacinas que devem ser administradas nos gatos. **Fonte:** a autora (2020).

Quando questionados sobre quais fontes de informação utilizam para detalhes sobre os cuidados com os gatos, 51,4% (n=52/101) dos tutores afirmaram ter a Internet como maior fonte de informação e 43,5% (n=44/101), o veterinário (Figura 15).

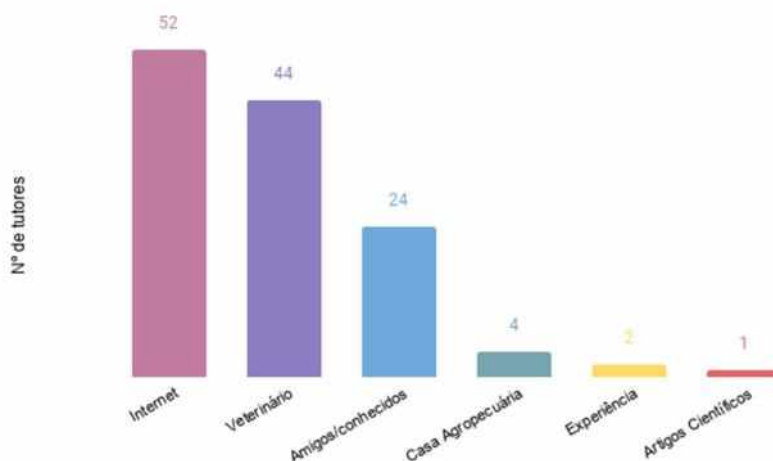


Figura 15. Distribuição das respostas dos tutores de gatos (n=101) acerca da(s) fonte(s) de informação sobre cuidados com os gatos. **Fonte:** a autora (2020).

Após a explicação fornecida acerca da importância da vacinação com o auxílio de um panfleto (Apêndice C) confeccionado para este estudo, 94% (n=91/97) dos tutores afirmaram pretender atualizar as vacinas dos seus gatos (Figura 16).

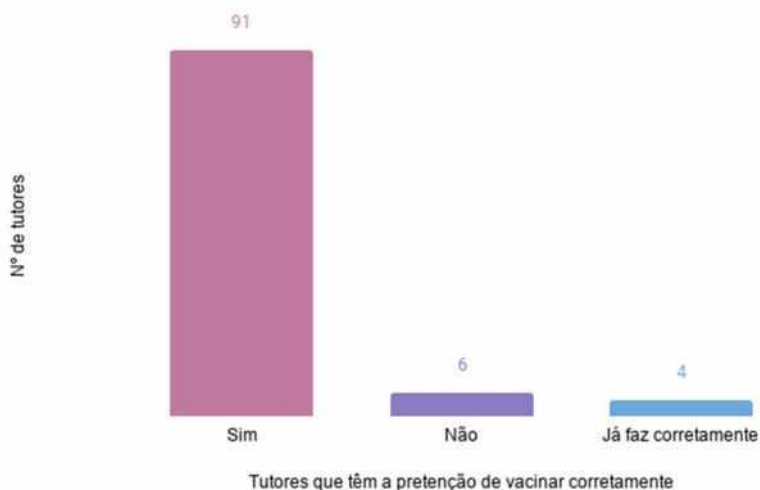


Figura 16. Distribuição dos tutores (n=101) quanto à pretensão ou não de vacinar seus gatos, após as explicações fornecidas com este estudo quanto à importância da vacinação dos gatos. **Fonte:** a autora (2020).

5 DISCUSSÃO

O conhecimento do perfil dos tutores, assim como suas práticas na criação dos gatos, é essencial para um delineamento mais acurado de ações educacionais que impactem diretamente na disseminação da vacinação, como uma prática fundamental para a saúde dessa espécie que, atualmente, está cada vez mais presente nas famílias multiespécies.

Neste estudo, foi possível verificar que 29,7% (n=30/101) dos tutores de gatos residiam nos bairros próximos ao HV-UFU, a zona leste da cidade de Uberlândia. Nessa região da cidade encontram-se tanto bairros não desenvolvidos, quanto bairros em ascensão econômica, como o Santa Mônica (SILVA, 2014). Domicílios localizados nas zonas norte (19,8%; n=20/101) e oeste (17,8%; n=18/101) foram também frequentes e é nesses setores da cidade que se encontram os bairros mais pobres de Uberlândia (SILVA, 2014). Um pequeno percentual dos tutores (12,8%; n=13/101) residia na zona sul, onde estão situados os bairros mais ricos da cidade (SILVA, 2014).

De acordo com os resultados obtidos, notou-se que 46,5% (n=47/101) dos tutores entrevistados possuíam membros da família com nível superior de escolaridade. Em pesquisas realizadas pelo IBGE, 51% da população brasileira possuem no máximo o ensino fundamental completo e apenas 15,3% concluíram o ensino superior (IBGE, 2016). Um maior nível de escolaridade pode facilitar a complacência dos tutores com relação às medidas preventivas que devem ser adotadas para o manejo dos seus gatos, devido à maior compreensão com relação aos aspectos relacionados à saúde animal.

Apenas 6,9% (n=7/101) dos tutores não possuíam acesso à Internet. Em um levantamento conduzido pelo IBGE em 2018, foi identificado que 30,9% dos brasileiros não possuíam acesso à Internet (IBGE EDUCA, 2018). Esse dado indica que a Internet pode ser uma aliada na sensibilização dos tutores com relação à vacinação de seus animais.

Residências com dois (26,7%, n=27/101), três (22,8%, n=23/101) ou quatro (21,8%, n=22/101) moradores foram as mais frequentes. No censo conduzido na cidade de Uberlândia mais recentemente, 33,4% (n=59.801/179.033) das famílias

eram compostas por duas pessoas e 30,5% (n=54.680/179.033) por três pessoas (IBGE, 2010).

Dentre a população uberlandense estimada em 2018, apenas 35,1% (n=239.710/683.247) estavam empregadas (IBGE, 2018). No presente estudo, 16,8% (n=17/101) dos moradores estavam desempregados, o que pode estar relacionado com o menor acesso dos gatos desses tutores às vacinas polivalentes. Em contrapartida, esses tutores foram abordados em ambiente hospitalar, o que indica que mesmo em condições desfavoráveis, alguns tutores não deixam de prover assistência médica aos seus animais. Além disso, uma parcela significativa dos entrevistados corresponde à famílias que possuem um ou dois integrantes desempenhando atividades remuneradas.

Dentre os tutores entrevistados, 34,6% (n=35/101) declararam que em sua residência há apenas um gato. Ao se levar em consideração residências que possuem até dois gatos, esse percentual sobe para 51,6% (n=52/101). Em um estudo realizado em Itaperuna-RJ, a média foi de 2,21 gatos/tutor (NÔLETO et al., 2017). No Reino Unido, um estudo identificou que 61,8% (n=441/714) das famílias possuíam apenas um gato (MURRAY et al., 2015). Quanto menor for a quantidade de gato por residência, maiores são as chances de os tutores aderirem às práticas de vacinação quando orientados para tal, devido aos custos de manutenção de um gato versus diversos gatos.

O acesso dos gatos à rua é permitido por 56,4% (n=57/101) dos tutores, cabe ressaltar que o presente estudo avaliou o número de respostas e não o número de gatos, o que poderia resultar em uma frequência ainda maior de animais com acesso à rua. Em um amplo estudo de prevalência de retrovíroses nos EUA e Canadá, observou-se que 58,7% (n=36.147/61.587) dos gatos tinham acesso ao ambiente externo. A infecção por FeLV foi mais frequente nos gatos com acesso à rua (3,9%, n=1.421/36.147) quando comparado com os gatos que eram mantidos dentro das residências (2,0%; n=517/25.440), evidenciando que o acesso à rua é um fator de risco para FeLV (BURLING et al., 2017), dentre outras doenças infecciosas.

Em um estudo pan-europeu, um elevado percentual de gatos também tinha acesso à rua (54,0%; n=3245/5.826) e uma pequena parcela vivia exclusivamente com acesso ao ambiente externo (6,5%; n=388/5.826). A taxa de infecção por FeLV foi mais pronunciada na população que tinha acesso à rua (58,9%; n=83/138) quando comparados com animais que eram mantidos exclusivamente dentro dos

domicílios (22,7%; n=32/138) (STUDER et al., 2019). No Brasil, não há estudos amplos que avaliem a frequência do acesso ou não à rua, porém a quantidade de tutores que responderam que seus gatos possuem acesso à rua é bastante semelhante aos estudos conduzidos em outros países, evidenciando a fragilidade da população felina quanto à aquisição de doenças infecciosas.

Com relação à castração, 55,4% (n=56/101) afirmaram que todos os gatos da casa são castrados. Em um estudo realizado em Guarulhos – SP, demonstrou-se que 56,0% (n=134/240) dos pacientes felinos eram castrados, 29,0% (n=70/240) não são castrados e para 15% (n=36/240) não foi obtido o registro dessa informação (ARAÚJO & GOÉS, 2017). A presença de uma parcela significativa da população sem castração predispõe à disseminação das doenças infecciosas por três principais motivos: (um) há influência dos hormônios reprodutivos na necessidade dos gatos em buscar acesso à rua; (dois) gatos não castrados são mais propensos às brigas por fêmeas e disputas territoriais (HAUGHIE, 2001) e (três) uma maior população crescente, sem controle de natalidade, favorece um maior número de animais sem acesso aos cuidados básicos de saúde, como a vacinação.

No que diz respeito à vacinação contra raiva, apenas 68,3% (n=69/101) dos tutores declararam que todos os seus gatos eram vacinados. Dentre os animais (cães e gatos) vacinados pela campanha antirrábica municipal de 2020 em Uberlândia, os gatos representaram apenas 11,6% (n= 7.099/61.233). A população felina estimada pelo centro de controle de zoonoses de Uberlândia foi de 69.910 gatos, desta maneira, o número de gatos vacinados contra a raiva em 2020, corresponde a somente 10,1% (n=7.099) da população (CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSE, 2020). Na cidade de Campinas-SP, a frequência de animais vacinados entre 2004 e 2014 foi menor ou igual a 55% da população estimada de gatos (RODRIGUES et al., 2017), ficando também abaixo da cobertura vacinal ideal para o controle da raiva urbana, que é estimada para gatos em 80% (LUCCA et al., 2013). No caso dos felinos, há uma influência na escolha entre locais públicos ou privados para vacinação antirrábica. Os tutores com maior condição financeira optam pela vacinação de seus gatos em clínicas ou hospitais privados, quando comparado a tutores de menor renda (MAGNABOSCO, 2006), possivelmente devido às particularidades da espécie.

Como as campanhas são voltadas para os cães, novas perspectivas precisarão ser adotadas (GENARO, 2010). As campanhas municipais podem, de

certa forma, contribuírem para a baixa cobertura vacinal antirrábica observada nos gatos. Possivelmente pela insegurança dos tutores frente aos locais de realização destas campanhas, que são normalmente em locais a céu aberto, com a presença de muitos cães e sem pessoal capacitado com técnicas *catfriendly*, para a contenção felina.

No presente estudo apenas 26,7% (n=27/101) dos tutores vacinaram seus gatos com produtos polivalentes, dentre estes, apenas três (11,1%; n=3/27) informaram que a vacina polivalente também era contra FeLV, o que denota que eles conheciam sobre esse vírus. Em um estudo conduzido em Jaboticabal-SP, nenhum dos gatos foi vacinado apenas com polivalente, porém 10% (n=8/80) foram vacinados com polivalente e antirrábica (LAGES, 2009). A baixa cobertura vacinal contra doenças virais exclusivas de gatos pode se traduzir em uma maior ocorrência dessas afecções na população felina. Dados, obtidos em diversos estudos realizados no país, demonstraram alta frequência dessas doenças virais principalmente por falta de vacinação contra panleucopenia felina, complexo respiratório felino e leucemia viral felina (HAGIWARA et al., 2007; JOHANN et al., 2009; COELHO et al., 2011; HENZEL et al., 2012; BAUMWORCEL et al., 2017).

A importância da vacinação antirrábica é bastante trabalhada com a população pelos municípios brasileiros (LAGES, 2009; CATAPAN et al., 2015; OLIVEIRA-NETO et al., 2018). Contudo, são necessários mais trabalhos acerca de cuidados básicos, como a necessidade da vacinação contra outras importantes doenças virais de gatos, espécie cada vez mais presente nas famílias brasileiras.

Dentre os tutores que não vacinaram seus gatos (25,7%; n=26/101), oito (30,7%) declararam não ter vacinado por “questões financeiras”. Outros dois tutores disseram não ter vacinado, pois a “campanha municipal não ocorreu no ano de 2019”, com esta resposta, estes tutores, provavelmente não sabiam da necessidade da aplicação da vacina polivalente em gatos. Adicionalmente, outros dois tutores afirmaram ser “difícil de pegar e transportar” o animal para realizar o protocolo vacinal; outros dois tutores “não sabiam da necessidade de vacinar gatos”; e uma tutora disse que “vacinas não são efetivas”. Tais assertivas evidenciam uma necessidade maior de campanhas educacionais para tutores de gatos, não só relacionadas à vacinação, mas também ao manejo *catfriendly* dos animais, o que possibilitaria uma melhor adesão dos tutores às visitas ao médico veterinário.

A prática de vacinação em casa agropecuária foi presente em 13,3% (n=10/75) dos tutores que afirmaram vacinar seus gatos, seja com polivalente ou antirrábica. É muito comum, no Brasil e na América Latina, ocorrer a aplicação de vacinas sem considerar a qualidade e a viabilidade do produto. Muitos tutores compram vacinas de comerciantes agrícolas, sem armazenamento e manuseio apropriados, e administram em sua própria casa, sem ser feito exame clínico por um veterinário e sem transporte ou manutenção adequados da vacina (DAY et al., 2020). De acordo com a Resolução n.844 de 20 de setembro de 2006, do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), apenas os médicos veterinários são aptos a atestar e realizar a vacinação de animais (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, 2006). É função dos médicos veterinários orientarem os proprietários sobre a importância da realização de vacinas com profissionais especializados (APTEKMANN et al., 2013), evitando, assim, uma imunização inadequada dos animais.

Sobre a frequência de vezes que os tutores levaram seus animais em uma consulta veterinária, 70,2% (n=71/101) afirmaram ter visitado o veterinário no último ano, número alto, quando comparado com os líderes de opinião do Brasil que sugeriram que apenas 6 a 9% dos gatos eram levados para uma visita anual ao veterinário (DAY et al., 2020). Os valores encontrados neste trabalho diferem também dos encontrados em um estudo realizado em BETIM – MG, no qual a maioria dos tutores (57,8%; n=63/109) não levava seus gatos regularmente ao veterinário (FERREIRA et al., 2019). Essa discrepância pode ser explicada pelo fato da população estudada aqui ser composta por tutores que também possuíam cães (71%; n=72/101), e estes é que foram levados a consulta veterinária com maior frequência, principalmente pela maior facilidade em manejar e transportar essa espécie. Além disso, uma maior adesão às visitas ao médico veterinário observada nesse estudo pode ter o viés de que as entrevistas foram realizadas em ambiente hospitalar, facilitando a seleção de tutores que já possuem o hábito de levar seus animais ao médico veterinário.

Dentre os tutores que não visitaram o veterinário no último ano, 73,3% (n=22/30) afirmaram não terem o feito, pois o animal não apresentou nenhuma doença. As novas recomendações sobre vacinação na América Latina da WSAVA, afirmam que, os veterinários devem criar programas de cuidados em saúde preventiva para que ocorra uma mudança de mentalidade dos tutores. Para isso,

estes programas devem ser baseados em aconselhamento profissional, para reeducar os tutores e atraí-los regularmente para a clínica veterinária, já que o animal de estimação é hoje um membro da família. As consultas devem incluir considerações gerais sobre medicina preventiva, como nutrição, saúde dentária, questões comportamentais, controle de endo/ectoparasitas e doenças transmitidas por vetores, e, por fim, quais vacinas (essenciais ou não essenciais) devem ser administradas durante essa visita anual (DAY et al., 2020). Só assim os tutores perderão a visão de uma medicina apenas curativa e darão importância a medicina veterinária preventiva.

Quanto ao conhecimento dos tutores sobre a vacinação, 49,5% (n=50/101) afirmaram conhecer tanto a vacina polivalente, quanto a vacina antirrábica, conhecimento este que, possivelmente, não seja proveniente de um médico veterinário, já que ao serem questionados sobre os cuidados com os gatos, 51,4% (n=52/101) dos tutores afirmaram ter como maior fonte de informação a Internet e apenas 43,5% (n=44/101), o veterinário. Cabe ressaltar que a maioria dos tutores afirmou não ter recebido informações sobre vacinação por meio do médico veterinário (40,8%; n=29/71). Esses dados demonstram que os clínicos veterinários precisam reforçar suas recomendações sobre métodos preventivos de doenças infecciosas. Além disso, as entidades de classe, as universidades e os médicos veterinários individualmente devem utilizar a Internet como um aliado na difusão de cuidados para os animais, atingindo dessa forma, um número maior de tutores com informações provenientes de fontes confiáveis. Este fato motivou o Grupo de Estudos em Felinos (GEFel) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) a criar um perfil no Instagram e uma página no Facebook (@cuidadosparagatos), com a finalidade de prover aos tutores informações seguras sobre os cuidados básicos com os felinos.

Uma significativa porção da população se mostrou complacente quanto à adesão da prática de vacinação. Levando-se em consideração que essas pessoas podem influenciar mais três outras pessoas, criando um evento em cascata, acredita-se que as ações em educação em saúde desenvolvidas por este estudo tenham um impacto importante na saúde da população felina de Uberlândia – MG.

6 CONCLUSÃO

De acordo com os dados obtidos, foi possível identificar que a população de tutores de gatos estudada, ainda que a maioria resida em bairros considerados de baixa renda e que uma parcela da população não estivesse desenvolvendo atividade remunerada, possuem um elevado nível de escolaridade e acesso à informação por meio da Internet.

Apesar de um pouco mais da metade de população entrevistada possuir até dois gatos, o que facilitaria um manejo sanitário adequado, a cobertura vacinal contra doenças virais foi baixa. O acesso dos gatos à rua e a manutenção de animais não castrados foram bastante evidentes, o que favorece também a aquisição de doenças infecciosas.

Metade da população entrevistada declarou que conhecia as vacinas, mas ainda assim, a vacinação adequada não foi realizada por muitos tutores de gatos, seja com relação à periodicidade vacinal, ao tipo vacinal ou ao local de aquisição da vacina.

As fontes de informações mais frequentes sobre os cuidados com o manejo dos gatos foram a Internet e o médico veterinário, portanto essas são as bases que devem ser trabalhadas para que informações de prevenção sejam difundidas.

A conscientização sobre a importância da vacinação realizada no estudo permitiu perceber que os tutores são complacentes quando a educação em saúde é trabalhada de forma adequada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. R.; SOARES, L. C.; WARDINI, A. B. W. Alterações clínicas e hematológicas em gatos domésticos naturalmente infectados pelo Vírus da Leucemia Felina. **Revista De Saúde**, v.7, n.1, 2016.

APTEKMANN, K. P.; GUBERMAN, Ú. C.; TINUCCI-COSTA, M.; PALACIOS JUNIOR, R. J. G.; AOKI, C. G. Práticas de vacinação em cães e gatos no hospital veterinário da UNESP Jaboticabal/SP. **ARS Veterinária**, v.29, n.1, p.18-22, 2013.

AQUILANTE, A. G.; ALMEIDA, B. S.; MARTINS CASTRO, R. F.; XAVIER, C. R. G.; SALES PERES, S. H. C.; BASTOS, J. R. M. A importância da educação em saúde bucal para pré-escolares. **Revista de Odontologia da Unesp**, v.32, n.1, p.39-45, 2003.

ARAÚJO, G. R.; GOÉS, A. A. Comparação de índices de gatos (*Felis catus*) castrados, atendidos no HOVET-UNG, por zoneamento em Guarulhos-SP. **Revista saúde**, v.11, n.2, 2017.

ARJONA, A.; ESCOLAR, E.; SOTO, I.; BARQUERO, N.; MARTIN, D.; GOMEZ-LUCIA, E. Seroepidemiological Survey of Infection by Feline Leukemia Virus and Immunodeficiency Virus in Madrid and Correlation with Some Clinical Aspects. **Journal of Clinical Microbiology**, v.38, n.9, p.3448–3449, 2000.

AWAD, R. A.; WAGDY, K. B. K.; ATTALLAH, A. G. Epidemiology and diagnosis of feline panleukopenia virus in Egypt: Clinical and molecular diagnosis in cats. **Veterinary World**, v.11, p.578-584, 2018.

BARBOSA, F. C.; CHRISTIANINE, M. P.; WALDERMARIN, K. C.; Prevalência de Leucemia felina em Gatos Domésticos de Uberlândia –MG. **Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR**, v.5, n.2, p.207-2011, 2002.

BARRS, V. R.; BRAILEY, J.; ALISSON, A. B. Re-emergence of feline panleukopenia in Australia. **European College of Veterinary Internal Medicine**, 2017.

BATTILANI, M.; BALBONI, A.; GIUNTI, M.; PROSPERI, S. Co-infection with feline and canine parvovirus in a cat. **Veterinaria Italiana**. v.49, n.1, p.127-129, 2013.

BURLING, A. N.; LEVY, J. K.; SCOTT, H. M.; CRANDALL, M. M.; TUCKER, S. J.; WOOD, E. G.; FOSTER, J. D. Seroprevalences of feline leukemia virus and feline immunodeficiency virus infection in cats in the United States and Canada and risk factors for seropositivity. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.251, n.2, 2017.

BAUMWORCEL, N.; SOARES, A. M. B.; SILVA, S. B.; ALMEIDA, N. K. O.; CASTRO, T. X. Correlação entre sinais clínicos da conjuntivite felina e a detecção molecular de herpesvírus felino tipo 1, calicivírus felino, *Chlamydophila felis* e *Mycoplasma felis* em gatos de abrigos no Rio de Janeiro. **Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v.54, p.18-26, 2017.

CATAPAN, D. C.; JUNIOR, J. A. V.; WEBER, S. H.; MANGRICH, R. M. V.; SZCZPKOVSKI, A. D.; CATAPAN A.; PIMPÃO C. T. Percepção e atitudes do ser humano sobre guarda responsável, zoonoses, controle populacional e cães em via públicas. **Revista brasileira de Ciências Veterinárias**, v.22, n.2, p.92-98, 2015.

CAVE, T. A.; THOMPSON, H.; REID, S. W. J.; HODGSON, D. R.; ADDIE, D. D. Kitten mortality in the United Kingdom: a retrospective analysis of 274 histopathological examinations (1986 to 2000). **The Veterinary Record**. v.151, n.17, p.497-501, 2002.

CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSE- UBERLÂNDIA-MG. 36ª Campanha de vacinação antirrábica animal 2020. **Controle da Raiva Animal**, 2020.

COELHO, F. M.; MAIA, M. Q.; LUPPI, M. M.; COSTA, E. A.; LUIZ, A. P. M. F.; RIBEIRO, N. A.; BONFIM, M. R. Q.; FONSECA, F. G.; RESENDE, M. Ocorrência do

vírus da leucemia felina em *Felis catus* em Belo Horizonte. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.63, n.3, p.778-783, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA, **Resolução nº 844, de 20 de setembro de 2006**, n.188, s.1, p.198, 2006.

COYNE, K. P.; JONES, B. R. D.; KIPAR, A.; CHANTREY, J.; PORTER, C. J.; BARBER, P. J.; DAWSON, S.; GASKELL, R. M.; RADFORD, A. D. Lethal outbreak of disease associated with feline calicivirus infection in cats. **Veterinary Record**, v.158, p.544-550, 2006.

CRESCIMENTO DO NÚMERO DE GATOS NOS LARES BRASILEIROS ESTIMULA O MERCADO DE PRODUTOS PARA FELINOS. **EXAME**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/crescimento-no-numero-de-gatos-nos-lares-brasileiros-estimula-o-mercado-de-produtos-para-felinos/>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

CRISTO, T. G.; BIEZUS, G.; NORONHA, L. F.; GASPAR, T.; DAL PONT, T. P.; COM, J. A.; FURLAN, L. V.; COSTA, L. S.; TRAVERSO, S. D.; CASAGRANDE, R. A. Vírus da leucemia felina associado à leucemia em gatos em Santa Catarina, Brasil. **Journal of comparative Pathology**, v.170, p.10-21, 2019.

DAY, M. J.; CRAWFORD, C.; MARCONDES, M.; SQUIRES, R. A. Recomendações sobre vacinação para médicos veterinários de pequenos animais da América Latina: um relatório do Grupo de Vacinação WSAVA. **Journal of Small Animal Practice**, v.61, 2020.

DAY, M. J.; HORZINEK, M. C.; SCHULTZ, R. D.; SQUIRES, R. A. Guidelines for the vaccination of dogs and cats. **Journal of Small Animal Practice**, v.57, 2016.

DIAS, R. A.; MORI, A. C. F.; CANATO, B. D.; SILVA, E. A.; BERNARDI, F.; MENDES, M. C. N. C.; PARANHOS, N. T. **Os donos do pedaço: caracterização das populações de cães e gatos domiciliados do município de São Paulo**. São Paulo: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, f.127, 2013.

DIGANGI, B. A.; LEVY, J. K.; GRIFFIN, B.; REESE, M. J.; DINGMAN, P. A.; TUCKER, S. J.; DUBOVI E. Effects of maternally-derived antibodies on serologic responses to vaccination in kittens. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.14, p.118-123, 2012.

FAUQUET, C.; MAYO, M.A.; MANILOFF, J.; DESSELBERGER, U.; BALL, L.A. **Virus Taxonomy**. 1ª ed. San Diego: Elsevier/Academic Press, 2005.

FERREIRA, B. G. G. O.; , TEIXEIRA, V. G.; ARAUJO, A. F.; FERREIRA, M. L. P.; VALADARES, R. P.; STRADIOTO, M. A.; XAVIE, V. F. Avaliação do conhecimento de docentes e discentes de medicina veterinária, médicos veterinários e tutores de gatos acerca da leucemia viral felina. **Sinapse Múltipla**, v.8, n.2, p.140-143, 2019.

FRANCO, A. P.; ROEHE, P. *Herpesviridae*. In: FLORES, E. F. (Org). **Virologia Veterinária**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, p.435-488, 2007.

FRYMUS, T.; ADDIE, D.; BELÁK, A.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; GRUFFYDD-JONES, T.; HARTMANN, K.; HOSIE, M.; LLORET, A.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; PENNISI, M. G.; RADFORD, A. D.; THIRY, ETIENNE.; TRUYEN, U.; HORZINECK, M. Feline Rabies, ABCD Guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, p.585-593, 2009.

FORCADA, Y. Actualización clínica de la infección por calicivirus en gatos. **Merial Laboratorios S.A.**, 2008.

GARCIA, R. C. N. C.; CASTRO, T. X.; MIRANDA, S. C.; JÚNIOS, G. L.; LIMA, M.; LABARTHE, N. V.; LEITE, J. P. G. Characterization of parvoviruses from domestic cats in Brazil. **Journal of Veterinary Diagnostic Investigation**. v.23, n.5, p.951-955, 2011.

GENARI, I. C. C.; PERRI, S. H. V.; PINHEIRO S. R.; NUNES, C. M. Atividades de educação em saúde para escolares. **Veterinária e Zootecnia**, v.19, p.99-107, 2012.

GENARO, G. Gato doméstico: futuro desafio para controle da raiva em áreas urbanas? **Pesquisa Veterinária Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 186-189, 2010.

GLEICH, S. E.; KRIEGER, S.; HARTMANN, K. Prevalence of feline immunodeficiency virus and feline leukaemia virus among client-owned cats and risk factors for infection in Germany. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, n.12, p.985–992, 2009.

GRENE, C. E.; ADDIE, D. D. Feline parvovirus infections. In: Greene C.E. (Ed.) **Infectious Diseases of Dog and Cat**. 4^a ed. Elsevier Saunders, Missouri, p.80-88. 2012.

HAGIWARA, M. K.; JUNQUEIRA-JORGE, J.; STRICAGNOLO, C. R. Infecção pelo vírus da leucemia felina em gatos de diversas cidades do Brasil. **Clínica Veterinária**, v.66, p.44-50, 2007.

HAUGHIE, A. Early-Age Neutering – A Veterinary Perspective Concentrating on Cats (With Some Reference to Dogs). **World Society for the Protection of Animals**. London, 2001.

HENZEL, A.; BRUM, M. C. S.; LAUTER, C.; MARTINS, M.; LOVATO, L. T.; WEIBLEN, R. Isolamento e identificação do calicivírus felino e do herpesvírus felino no sul do Brasil. **Jornal Brasileiro de Microbiologia**, v.43, p.560-568, 2012.

HOFMANN-LEHMANN, R.; HARTMANN, K. Infecção pelo vírus da leucemia felina: uma abordagem prática para o diagnóstico. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.22, p.831-846, 2020.

IBGE CIDADES E ESTADOS – UBERLÂNDIA- MG. **IBGE 2010**. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/pesquisa/23/24161?detalhes=true>>. Acesso em: 20 out. 2020.

IBGE CIDADES E ESTADOS – UBERLÂNDIA- MG. **IBGE 2018**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

IBGE. PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo. **IBGE 2016**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%2011%2C%25,%2C3%25%20o%20s%20superior%20completo>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

IBGE. População de Animais De Estimacão do Brasil – 2013 – ABINPET. **IBGE 2013**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anos-anteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf/view>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

IBGE. USO DE INTERNET, TELEVISÃO E CELULAR NO BRASIL. **IBGE EDUCA 2018**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>>. Acesso em: 27 out. 2020.

JOHANN, J. M.; CAETANO, C. F.; HASS, R.; GUIM, T. N.; FISCHER, G.; VARGAS, G. D.; VIDOR, T.; HÜBNES, S. O. Inquérito sorológico para anticorpos contra coronavírus, herpesvírus, calicivírus e parvovírus em gatos domésticos do Rio Grande do Sul, Brasil. **Arquivo Brasileiro Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.61, n.3, p.752-754, 2009.

LAGES, S. L. S. **Avaliao da populao de cães e gatos com proprietário, e do nível de conhecimento sobre a raiva e posse responsável em duas áreas contrastantes da cidade de Jaboticabal, São Paulo**. 2009. 86f. Dissertao (Mestrado em Medicina Veterinária) – Departamento de Medicina Veterinária Preventiva da Faculdade de Ciências Agrária e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

LANGONI, H.; JOAQUIM, F. S.; BATISTA, T. G.; SARTOR, R. S.; JÚNIOR, L. C. C.; ROLIM, L. S.; LATOSINSKI, G. S.; BARROSA, N. C.; SANTOS, J. R. Educação em saúde nas escolas: O papel do Médico Veterinário no Controle das Zoonoses. **8º Congresso de extensão universitária da UNESP**, p.1-4, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/142571>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

LAPPIN, M. Feline panleucopenia virus, feline herpesvirus-1 and feline calicivirus antibody responses in seronegative specific pathogen-free kittens after parenteral administration of an inactivated FVRCP vaccine or a modified live FVRCP vaccine. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.14, p.161-164, 2012.

LARA, V. M. Complexo respiratório felino: Principais agentes infecciosos. **ARS Veterinária**, Jaboticabal, SP, v.28, n.3, 169-176, 2012.

LEE, I. T.; LEVY, J.; GORMAN, P.; CRAWFORD, C.; SLATER, M. Prevalence of feline leukemia virus infection serum antibodies a feline immunodeficiency virus in unowned free-roaming cats. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.220, n.5, p.620-622, 2002.

LEVY, J.; CRAWFORD, C.; HARTMANN, K.; HOFMANN-LEHMANN, R.; LITTLE, S.; SUNDAHL, E.; THAYER, V. American association of Feline Practitioners: feline retrovirus management guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.10, n.3, p.300-316, 2008.

LISTER, A. W. C. C.; LEUTENEGGER, C. M. Detection of feline upper respiratory tract disease pathogens using a commercially available real-time PCR test. **Veterinary Journal**, v.206 p.149-153, 2015.

LITTLE, S.; LEVY, J.; HARTMANN, K.; LEHMANN, R. H.; HOSIE, M.; OLAH, G.; DENI, K. AAFP Feline Retrovirus Testing and Management Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.22, p.5-30, 2020.

LUCCA, T.; RODRIGUES, R. C. A.; COSTAGNA, C.; PRESOTTO, D.; NADAI, V.; FLAGRE, A.; BRAGA, G. B.; GUILLOUX, G. A.; ALVES, J. S.; MARTINS, C. M.; AMAKU, M.; FERREIRA, F.; DIAS, R. A. Assessing the rabies control and surveillance systems in Brazil: An experience of measures toward bats after the halt of massive vaccination of dogs and cats in Campinas, São Paulo. **Preventive Veterinary Medicine**, v.111, n.1-2, p.126-133, 2013.

LUTZ, H.; ADDIE, D.; BELÁK, S.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HARTMANN, K.; HOSIE, M. J.; LLORET, A.; MARSILIO, F.; PENNISINI, M. G.; RADFORD, A. D.; TRUYEN, U.; THIRY, E.; MARIAN C. H. Feline Leukaemia ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, p.565-574, 2009.

MAAZI N.; JAMSHIDI S.; KAYHANI P.; MOMTAZ H. Occurrence of Chlamydomphila felis, feline herpesvirus 1 and calcivirus in domestic cats of Iran. **Iranian Journal of Microbiology**, v.8, n.5, p.312-315, 2016.

MACLACHLAN, N.; DUBOVI, E. J. **Fenner's Veterinary Virology**. 4^a ed. Academic Press, Londres, p.534, 2010.

MAES, R. Felid herpesvirus type 1 infection in cats: a natural host model for alphaherpesvirus pathogenesis. **ISRN Veterinary Science**, v.2012, 2012.

MAGNABOSCO, C. **População domiciliada de cães e gatos em São Paulo: perfil obtido através de um inquérito domiciliar multicêntrico**. 2006. 110f. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia) – Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Raiva: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção**. Brasília, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretária de Gestão e Trabalho na educação e Saúde**. Departamento de Gestão e da Regulação do Trabalho em Saúde. Câmara de Regulação do Trabalho em Saúde, Brasília, 2006.

MORAES, F. C. **Educação em saúde: formação de multiplicadores em zoonose e guarda responsável de animais de estimação**. 2013. 72 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Departamento de Medicina Veterinária Preventiva da Faculdade de Ciências Agrária e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

MURRAY, J. K.; GRUFFYDD-JONES, T. J.; ROBERTS, M. A.; BROWNE, W. J. Assessing changes in the UK pet and dog populations: numbers and household ownership. **Veterinary Record**, v.177, 2015.

NGUYEN, D.; BARRS, V. R.; KELMAN, M.; WARD, M. P. Feline upper respiratory tract infection and disease in Australia. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 21, p.973 –978, 2019.

NÔLETO, F. F. Z.; NÔLETO, V. A. Z.; RIBEIRO, M. L. C.; DIAS, F. R. C.; SILVA D. A. Perfil dos tutores de gatos e aspectos relacionados à sua criação. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v.8, n.1, 2017.

NORSWORTHY, G.; CRYSTAL, M.A.; GRACE, S.F.; TILLEY, L. P. **The Feline Patient**. 3ª Edição. Ames: Blackwell Publishing, p. 97- 98, 2006.

OLIVEIRA-NETO, R. R.; SOUZA, V. F.; CARVALHO, P. F.; FRIAS, D. F. Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista de Salud Pública**, v. 20, p.189-203, 2018.

ORTEGA-PACHECO, A.; AGUILLAR-CABALLERO, A. J.; COLIN-FLORES, R. F.; ACOSTA-VIANA, K. Y.; GUZMAN-MARIN, E.; JIMENEZ-COELO, M. Seroprevalence of feline leukemia virus, feline immunodeficiency virus and heartworm infection among owned cats in tropical Mexico. **Journal of feline medicine and surgery**, v.16, n.6, p.460–464, 2014.

PEDERSEN, N. C.; ELLIOTT, J. B.; GLASGOW, A.; POLAND, A.; KEEL, K. An isolated epizootic of hemorrhagic-like fever in cats caused by a novel and highly virulent strain of feline calicivirus. **Veterinary Microbiology**, v.73, p.281-300, 2000.

PETS BY THE NUMBERS. **ANIMAL SHELTERING**. Disponível em: <<https://www.animalsheltering.org/page/pets-by-the-numbers>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

RADFORD, A. D.; COYNE, K. P.; DAWSON, S.; PORTER, C. J.; GASKELL, R. M. Feline calicivirus. **Veterinary Research**, v.38, p.319-335, 2007.

RADFORD, A. D.; SÁNDOR, D. A.; BELÁK, C. B.; TADEUSZ, E.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HARTMANN, K.; HOSIE, M. J.; LLORET, A.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; PENNISI, M. G.; THIRY, E.; TRUYEN, U.; HORZINEK, M. C. Feline calicivirus infection ABCD guideline son prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, n.7, p.556-564, 2009.

REINACHER, M. Doenças associadas á infecção espontânea pelo vírus da leucemia felina (FeLV) em gatos. **Veterinary Immunology and Immunopathology**, v.21, p.85-95, 1989.

RICHTER, M.; SCHUDEL, L.; TOBLER, K.; MATHEIS, F. VOGTLIN, A.; VANDERPLASSCHEN, A.; COSTES, B.; SPIESS, B.; ACKERMANN, M. Clinical, virological, and immunological parameters associated with superinfection of latently with FeHV-1 infected cats. **Veterinary Microbiology** v.138, 205-216, 2009.

RODRIGUES, I. M. A.; LUIZ, D. P. LUIZ, G. N. CUNHA; CUNHA, G. N. Princípios da guarda responsável: Perfil do conhecimento de tutores de cães e gatos no município de Patos de Minas - MG. **ARS Veterinária**, Jaboticabal, v. 33, n. 2, p. 064-070, 2017.

RODRIGUES, R. C. A.; ZUBEN, A. P. B. V.; LUCCA, T.; REICHMANN, M. L. A. B. Rabies vaccination campaigns in dog and cats, and rabies positivity in bats, from 2004 to 2014, in Campinas, São Paulo, Brazil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.26, n.3, 2017.

RUPPRECHT, C. E.; CHILDS, J. E. Feline rabies. **Feline Pract**, v.24, p.15-19, 1996.

SANTANA, H. J. **Abolicionismo animal**. 2006. 281f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito de Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SANTOS, D. M.; STEFFELER, L. M.; SILA, I. A.; MARTEIS, L. S.; ALMEIDA, R. P.; SANTOS, R. L. C.; MOURA, T. R. Ações educativas em saúde para prevenção e controle de dengue em uma comunidade periférica da região metropolitana. **Scientia Plena**, v.8, n.3, 2012.

SANTOS, Z. S. A.; CAETANO, J. A.; MOREIRA, F. G. A.; Atuação dos pais na prevenção da hipertensão arterial: uma tecnologia educativa em saúde. **Ciências da Saúde coletiva**, v.16, n.11, 2011.

SCHERK, M.; FORD, R.; GASKELL, R.; HARTMANN, K.; HURLEY, K.; LAPPIN, M.; LEVY, J.; LITTLE, S.; NORDONE, S.; SPARKES, A. AAFP Feline Vaccination Advisory Panel Report. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.15 p.785-808, 2013.

SCHORR-EVANS, E. M.; POLAND A.; JOHNSON, W. E.; PEDERSEN, N. C. An epizootic of highly virulent feline calicivirus disease in a hospital setting in New England. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.5, p.217-226, 2003.

SECRETÁRIA DE ESTADO DA SAÚDE – SC. **Santa Catarina registra primeiro caso de raiva humana em 38 anos, Florianópolis, 2019**. Disponível em: <<https://www.saude.sc.gov.br/index.php/noticias-geral/todas-as-noticias/1641-noticias-2019/10628-santa-catarina-registra-primeiro-caso-de-raiva-humana-em-38-anos>>. Acesso em: 17 set. 2020.

SHERDING, R. G. Vírus da Leucemia Felina. **Manual Saunders clínica de pequenos animais**. 3ª ed. São Paulo. Roca, p.117-127, 2008.

SILVA, D. S.; CASTRO, C. C.; SILVA, F. S.; FERNANDES, M. H. V.; LORENZINI, F.; CORDEIRO, J. M. C.; VARGAS, G. D.; FISCHER, G.; LIMA, M.; HÜNBNER, S. O. Perspectivas terapêutica no tratamento das infecções pelo herpesvírus felino tipo 1. **Revista Clínica Veterinária**, n.109, p.36-44, 2014.

SILVA, J. P. G. **As políticas públicas de planejamento e o desenvolvimento urbano de Uberlândia (MG)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2014.

STONE, A. E.; BRUMMET, G. O.; CAROZZA E. M.; KASS, H. P.; PETERSEN, P. E.; SYKES; J.; WESTMAN, M. E. AAHA/AAFP Feline Vaccination Guidelines 2020. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.22, p.813-830, 2020.

STUDER, N.; LUTZ, H.; SEAGERMAN, C.; GÖNCZI, E.; MELI, M. L.; BOO, G.; HARTMANN, K.; HOSIE, M. J.; MOESTL, K.; TASKER, S.; BELÁK, S.; LLORET, A.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK H. F.; PENNISI, M. G.; TRUYEN, U.; FRYMUS, T.; THIRY, E.; MARSILIO, F.; ADDIE, D.; HOCHLEITHNER, M.; TKALEC, F.; VIZI, Z.; BRUNETTI, A.; GEORGIEV, B.; LUDWIG-BEGALL, L. F.; TSCHUOR, F.; MOONEY, C. T.; ELIASSON, C.; ORRO, J.; JOHANSEN, H.; JUUTI, K.; KRAMPL, I.; KOVALENKO, K.; ŠENGAUT, J.; SOBRAL, C.; BORSKA, P.; ĽRÍKOVÁ, S. K.; HOFMANN-LEHMANN, R. Pan-European Study on the Prevalence of the Feline Leukaemia Virus Infection - Reported by the European Advisory Board on Cat Diseases (ABCD Europe). **Viruses**, v. 11, n.11, 2019.

THIRY, E.; ADDIE, D.; BELÁK, S.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HARTMANN, K.; HOSIE, M. J.; LLORET, A.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; PENNISI, M. G.; RADFORD, A. D. TRUYEN, U.; HORZINEK, M. C. Infecção por herpesvírus felino. Diretrizes do ABCD sobre prevenção e gestão. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, p.547-555, 2009.

TRUYEN, U.; ADDIE, D.; BELÁK, S.; BOUCRAT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.; HARTMANN, K.; HOSIE, M. J.; LLORET, A.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; PENNISI, M. G.; RADFORD, A. D.; THIRY, E.; HORZINEK, M. C. Feline Panleukopenia: ABCD Guidelines on Prevention and Management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 2009.

URI D. **Feline Upper Respiratory Disease Complex: The detection and epidemiology of respiratory pathogens in Midwestern feline shelter populations**. 2014. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária Preventiva) – IOWA STATE UNIVERSITY CAPSTONES, AMES, IOWA, 2014.

VELASCO-VILLA, A.; ESCOBAR, L. E.; SANCHEZ, A.; SHI, M.; STREICKER, D. G.; GALLARDO-ROMERO, N. F.; VARGAS-PINO, F.; GUTIERREZ-CEDILLO, V.; DAMON, I.; EMERSON, G. Estratégias de sucesso implementadas para a eliminação da raiva canina no Hemisfério Ocidental. **Antiviral Research**, v.143, p.1-12, 2017.

VOBIS, M.; D'HAESE, J.; MEHLHORN, H.; MENCKE, N. Experimental quantification of the feline leukaemia virus in the cat flea (*Ctenocephalides felis*) and its faeces. **Parasitology research**, v.97, n.1, p.102-106, 2005.

WILLETT, B. J.; HOSIE, M. J. Feline leukaemia virus: Half a century since its discovery. **The Veterinary Journal**, v.195, p.16-23, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Percepção de tutores de cães e gatos quanto à importância da vacinação contra doenças virais - delineamento socioepidemiológico”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa Dra Aline Santana da Hora (FAMEV – UFU), Geovana Alves Justino Silva, Maria Luiza Querino Andraus, Mônica Lopes Macedo, Lana Isabella Gila, Taicy Sigaki dos Santos, Tatiane Marquini Ribeiro (FAMEV – UFU).

Nesta pesquisa nós estamos buscando saber o quanto os tutores de cães e gatos conhecem sobre a prevenção de doenças virais através da vacinação; além de saber as características sócioepidemiológicas de cada tutor e seus animais.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador _____ e ocorrerá antes da coleta de dados e será realizada nas dependências do Hospital Veterinário – FAMEV – UFU.

Na sua participação, você será submetido a um questionário e receberá informações de como prevenir seu animal, através da vacinação.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

A pesquisa possui o risco mínimo de identificação do participante da pesquisa. Os nomes dos participantes da pesquisa não serão registrados no formulário para que se evite a identificação dos mesmos. Cada formulário receberá uma numeração para identificação.

O benefício obtido com este estudo são o maior entendimento das formas de prevenção de doenças virais em pequenos animais, através da vacinação.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos

resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Profa Aline Santana da Hora, Faculdade de Medicina Veterinária – FAMEV - *campus* Glória - Bloco 1CCG SALA 211A, BR-050, KM 78, CEP: 38410-337; tel: (34) 2512-6802. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bl. A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; tel: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante

APÊNDICE B– QUESTIONÁRIO SOCIOEPIDEMIOLÓGICO

Questionário Vacinação

*Obrigatório

1. Nome do entrevistador *

2. Número do formulário: *

3. Qual bairro você mora? *

4. Qual a escolaridade mais alta dos membros da família? *

Marcar apenas uma.

- nenhuma
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo

5. Você tem acesso a internet? *

Marcar apenas uma.

- Sim
- Não

6. Quantas pessoas fazem parte da família? *

7. E quantas trabalham? *

8. Quantos cães você possui?

9. Quantos gatos você possui?

10. Para os tutores de gato, o(s) seu(s) animal(is) tem acesso à rua?

Marcar apenas uma.

Sim

Não

11. Para os tutores de gato, o seu animal está castrado?

Marcar apenas uma.

Não

Sim

Alguns

12. Para os tutores de gato, o seu animal foi vacinado nos últimos 12 meses?

Marque todas que se aplicam.

- Não
- Vacina Antirrábica
- Vacina polivalente
- Vacina contra leucemia felina - FeLV
- Não sabe informar

Outro: _____

13. Se Não na resposta anterior, qual o motivo?

14. Em qual local você leva seu gato para tomar vacina?

Marque todas que se aplicam.

- Campanha antirrábica
- Veterinário
- Casa Agropecuária

15. Para os tutores de cão, o(s) seu(s) animal(is) tem acesso à rua?

Marcar apenas uma.

- Sim
- Não

16. Para os tutores de cão, o seu animal é castrado?

Marcar apenas uma.

- Sim
- Não
- Alguns

17. Para os tutores de cães, o seu animal foi vacinado nos últimos 12 meses?

Marque todas que se aplicam.

- Não
- Vacina antirrábica
- Vacina polivalente para cães
- Vacina contra leishmaniose
- Não sabe informar

Outro: _____

18. Se Não na resposta anterior, qual o motivo?

19. Em qual local você leva seu cão para tomar vacina?

Marque todas que se aplicam.

- Campanha antirrábica
- Veterinário
- Casa agropecuária

20. Nos últimos 12 meses, quantas vezes foi ao veterinário?

Marcar apenas uma.

- Nenhuma
- Sim, 1-5 vezes
- Sim, 6-10 vezes
- Sim, mais que 10 vezes

21. Se nenhuma na resposta anterior, qual o motivo?

22. Se sim, recebeu alguma orienta^o feita pelo veterin^o sobre a import^{ncia} da vacina^o antes de hoje?

Marcar apenas uma.

- Nenhuma
 1 vez
 Algumas vezes
 V^{rias} vezes

23. Voc^s sabia que existe vacina para seu c^o?

Marcar apenas uma.

- Sim, apenas antirr^{ica}
 Sim, apenas polivalente
 Sim, vacina antirr^{ica} e polivalente
 N^o

24. Voc^s sabia que existe vacina para seu gato?

Marcar apenas uma.

- Sim, apenas antirr^{ica}
 Sim, apenas polivalente
 Sim, vacina antirr^{ica} e polivalente
 N^o

25. Qual sua maior fonte de informa^o sobre como cuidar do seu animal?

Marque todas que se aplicam.

- Veterin^o
 Internet
 Amigos/conhecidos que tem outros animais

Outro: _____

26. Após as explicações que você acabou de receber sobre vacinação, você irá vacinar seu animal?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE C – FOLHETO INFORMATIVO



Porque é importante vacinar o meu animalzinho?

Algumas doenças podem ser **fatais** para o seu animal e essas doenças são prevenidas pelas vacinas.



Para os **cães** existem duas doenças virais muito perigosas, que podem **matar**: a **parvovirose** e a **cinomose**.

Para os **gatos** a vacinação previne também duas doenças que podem ser **fatais**, a **panleucopenia felina** e a **leucemia viral felina**.



Para **cães** e **gatos**, a vacinação contra a **raiva** (vacina antirrábica) é essencial, porque essa doença pode **matar** o seu animalzinho, assim como as pessoas que forem mordidas por eles.

Quais são as vacinas que devo dar ao meu cão?

Os cães precisam de 2 vacinas muito importantes, são elas:

- **Vacina antirrábica**: distribuída gratuitamente em campanhas municipais no mês de agosto.
- **Vacina polivalente**: que previne contra diversas doenças, inclusive a **parvovirose** e a **cinomose**.

Quais são as vacinas que devo dar ao meu gato?

Para os gatos são recomendadas 3 vacinas essenciais:

Vacina antirrábica: distribuída gratuitamente em campanhas municipais no mês de agosto.

Vacina polivalente: que previne contra diversas doenças, inclusive a **panleucopenia felina**.

Vacina contra a leucemia viral felina: deve ser dada apenas para gatos que vão para rua ou para gatos que vivem com gatos que tem essa doença. **IMPORTANTE**: O gato tem que ser testado para leucemia antes da vacinação.

Calendário de vacinação de filhotes

CÃES

Idade do cão	Calendário de vacinação
6-8 semanas	1ª dose polivalente
10-12 semanas	2ª dose polivalente
16 semanas	Vacina antirrábica e 3ª dose polivalente
1 ano	Reforço da vacina polivalente

GATOS

Idade do gato	Calendário de vacinação
6-8 semanas	1ª dose polivalente e da vacina contra leucemia
10-12 semanas	2ª dose polivalente e da vacina contra leucemia
16 semanas	Vacina antirrábica e 3ª dose polivalente
1 ano	Reforço polivalente,

- ⇒ O reforço da vacina antirrábica é anual.
- ⇒ Consulte um Médico Veterinário para saber qual o melhor intervalo para o reforço das vacinas dos cães e gatos adultos.
- ⇒ Os animais adultos devem ser vacinados com vacinas polivalentes com intervalos de 1 ano. Esse intervalo pode variar de acordo com a análise do Médico Veterinário

Vacine seu animalzinho, isso faz toda a diferença!

*Observação: a vacinação somente pode ser realizada por um Médico Veterinário, que irá examinar seu animal para saber se ele poderá receber a vacina.

Texto por:
Profa. Dra. Aline Santana da Hora